

eu não vim só

samba

Um retrato do cenário das mulheres no samba em São Paulo

Sumário

09	De onde vêm?
15	Amizade de trocas: da casa ao quintal
31	O bando que toca para todos
41	Samba de mulheres na praça
49	Dê um instrumento para ela
57	Porque um samba tem muito a dizer
69	E agora com vocês, Mestra Sivuca
79	Entre rodas e escolas
87	Mulheres que fazem escola
95	Fabiana Cozza: uma figura de combate
101	Leci Brandão: pela cultura e pelos direitos
109	Construindo nosso samba
121	Agradecimentos
123	As cores do samba

eu não vim só sambar

*“Quando ouvi Ivone cantar
E vi toda a poesia pairar no ar
Seu canto entrou na minha vida
E fez o que quis
Hoje até posso afirmar
Samba é minha raiz”*

(Canto da Rainha - Beth Carvalho, composição Arlindo Cruz)

De onde vêm?

Tudo começou dentro das casas dessas mulheres. As matriarcas, verdadeiras artistas, que cuidavam de tudo. A importância delas vai muito além da caricatura materna, da tia que vende doces. No entanto, em meio a uma época em que o gênero musical ainda buscava aceitação na sociedade, o samba criado naquelas rodas era atribuído aos homens que fechavam o círculo e arranjavam as composições e melodias que, posteriormente, ganhariam notoriedade.

Considerando que as mulheres negras constituíam, e ainda constituem, a posição mais baixa dessa hierarquia social, a possibilidade de uma delas ser lembrada como líder de uma roda ou compositora de uma das primeiras canções, que popularizou o termo “samba”, é quase nula. Às moças presentes nesses festivais eram atribuídas as tarefas de disponibilizar o espaço da casa, organizar o ambiente para as festas, limpar, servir o jantar e balançar os quadris embalados pelo ritmo dos instrumentos improvisados pelos homens. O imaginário popular sobre a mulher no samba, a partir do estereótipo da

“mulata”, a mulher negra de pele clara, quadris largos, seios fartos, sedutora, nos faz acreditar que assim mesmo era e que a mulher não teve protagonismo da produção das canções. Mas temos outras histórias para contar.

Os primeiros sambas surgiram em reuniões que aconteciam em cortiços, nas casas ou terreiros das famosas baianas mães de santo, as ialodês (orixás, divindades, femininas no candomblé), nos bairros onde a população negra do Rio de Janeiro se estabeleceu, depois das reformas urbanísticas que aos poucos foram limitando a presença dos negros na cidade. Em suas residências existia um verdadeiro espaço de identidade da cultura afrodescendente, onde realizam cerimônias de giras espirituais e oferendas, grandes bailes de batucada, fossem na sala de visita ou nos fundos da casa. Nesse ambiente acolhedor, muitos compositores e músicos de primeira deram origem a canções lembradas e cantadas até hoje. No final das contas, as casas das “famosas baianas festeiras” foram verdadeiras escolas para os lendários músicos pioneiros do samba, que contribuíram para o surgimento da cena do samba carioca.

Quando o samba como gênero musical completou cem anos de existência, em 2016, marcados a partir da composição e gravação do “samba de carnaval”, como foi apelidado após seu lançamento, “Pelo Telefone”, o Ministério da Cultura publicou uma homenagem à canção e ao gênero musical e brevemente contou a história desse ritmo genuinamente brasileiro. O destaque, no entanto, não foi para Ernesto dos Santos, vulgo Donga, músico apontado como compositor da marchinha, e sim para Tia Ciata. Foi em sua casa que inúmeras composições surgiram – cujas autorias são um mistério até hoje – e que construíram todo um legado no cenário musical. Em uma nota no Jornal do Brasil de 4 de fevereiro de 1917, o nome de Ciata surge como um dos possíveis autores. Apesar disso, a briga pela autoria entre os pesquisadores apresentam apenas nomes masculinos. Tendo em vista o machismo e a misoginia da época, que ainda permanece enraizada, quantas mulheres não devem ter

sido apagadas com o tempo? Muitas das composições evidenciaram o dia a dia nas favelas e já denunciavam o racismo vigente e as casas dessas mulheres eram um espaço de resistência.

Dona Hilária Batista de Almeida nasceu em 1838, no município de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano. Em 1860, aos 22 anos de idade, Dona Hilária, que ainda não tinha ganhado o famoso apelido, mudou-se da Bahia para o Rio de Janeiro, durante um período em que grande parte da população negra do estado migrava para a então capital nacional em busca de melhores condições de vida. Lá, no Rio, Hilária morou em vários endereços: rua da Alfândega, rua General Pedra, Rua dos Cajueiros, Visconde de Itaúna. Mas foi na rua Minervina, próximo à Praça Onze, bem longe das praias “bem frequentadas” do Rio de Janeiro, no bairro de Santa Teresa, onde Hilária se estabeleceu e foi lá que as reuniões e festas ganharam espaço.

Apesar de não ter sido a única tia baiana a oferecer seu lar como refúgio cultural – Tia Sadata, Tia Dadá, Tia Amélia e Tia Perciliana também criaram seus nomes, sendo as duas últimas mães dos sambistas Donga e João da Baiana, respectivamente – Ciata se tornou uma das principais lideranças dos negros da cidade. Comandava uma equipe de mulheres que vendiam doces no centro, confeccionava os trajes de diversos clubes carnavalescos da época e era respeitada até mesmo pela elite. Ela organizava festas que eram frequentadas por negros, mestiços, brancos, pobres e ricos.

Já quem fez a história em São Paulo foi Dona Maria Esther. A maior representante do samba paulista vem do município de Pirapora de Bom Jesus, no interior do estado. Em 1940, fundou o Grupo Samba de Roda que segue ativo até os dias de hoje difundindo a cultura do samba rural. No início do século XVIII, antes de ser fundada como é conhecida hoje, Pirapora era apenas uma antiga fazenda vinculada à vizinha Santana do Parnaíba. A história é feita em 1730, quando escravos encontraram uma imagem de Bom Jesus às margens do Rio Tietê e inauguraram a nova cidade. O território se populari-

De onde vêm?

zou após as propagações dos relatos referentes ao santo, atraindo assim uma nova população e a presença dos negros escravizados que foi essencial para dar origem ao samba rural paulista. Nas proximidades das igrejas, homens e mulheres tocavam instrumentos como cuíca, zabumba, chocalho, pandeiros e bumbo, além de entoar coros e cantar os versos criados na hora.

O samba de roda paulista nasceu ali, diretamente das raízes do povo africano. Dona Maria Esther foi a mulher responsável por disseminar essa cultura em Pirapora do Bom Jesus até os dias atuais através de seu grupo, que permanece seguindo suas tradições. Sua relevância para a história do samba, entretanto, não se limita apenas à pequena cidade do interior. Dona Maria Esther foi, ao lado de Madrinha Eunice, uma das fundadoras da mais antiga escola de samba de São Paulo, a Lavapés, que está em atividade hoje no bairro do Cambuci.

Neste livro, as mulheres são atuantes, assim como Tia Ciata, Dona Maria Esther, Clementina de Jesus, Jovelina Pérola Negra, Dona Ivone Lara, Elizeth Cardoso, Clara Nunes, Alcione, Elza Soares – e muitas outras, renomadas ou independentes, cujas histórias e experiências vamos contar nas próximas páginas. Aqui, assim como na origem, elas fazem o samba acontecer. Elas não vieram apenas sambar.

eu não vim só sambar

Amizades de trocas: Da casa ao quintal

Essa história, assim como muitas outras, já começa em uma roda de violão. Era uma dessas pequenas, com poucos amigos reunidos após o período de aula. O cenário dessa ocasião era o Diretório Central Estudantil (DCE) da Universidade de São Paulo, onde as duas protagonistas da história se conheceram em 2007, há 10 anos, mas poderia ser uma roda de samba qualquer. As duas mulheres, na verdade, têm poucas coisas em comum, mas essas poucas coisas foram essenciais para que pudéssemos contar essa história hoje. A música sempre fez parte do imaginário delas. Sempre foram pessoas musicais, mesmo que de forma inconsciente. Iara Viana cantava no banho músicas da MPB, que fizeram parte de sua criação. Laura Guimarães viajava com os pais na velha Brasília, ouvindo em seu velho *walkman*, nossos clássicos, como Elis Regina e Jorge Ben, Tim Maia, favoritos de seu pai. Eram amantes das notas, das vozes, dos instrumentos e dos acordes, por influência das respectivas famílias, talvez, mas algo dentro de cada uma fez com que o apreço pela música brasileira se despertasse, seja no samba ou na bossa.

Iaiá e Laurinha, como eram chamadas naquela época e como são conhecidas desde então, estudavam Letras. Uma cursava no período noturno enquanto a outra estudava de manhã e, de vez em quando, mostravam seus dotes musicais para os colegas nas famosas festas de ocupação do campus da Universidade. Era sempre a mesma coisa: Laurinha cantava e tocava violão de dia e Lara cantava de noite, as duas sempre dançavam separadas, no embalo da mesma melodia. Até aqui, ainda não tinham tido a oportunidade de se encontrar, sequer sabiam da existência uma da outra. Essa brincadeira durou quase o primeiro semestre inteiro da faculdade, até que os sábios amigos que tinham em comum perceberam que, na verdade, o que faltava em uma era a outra, simples assim. Não fazia sentido as duas cantando sozinhas. Todos os dias ocupavam os mesmos lugares e, curiosamente, estavam distantes por algumas horas de diferença.

Depois de um tempo, sempre escutando que já havia passado a hora de se conhecerem, resolveram que, de fato, deveriam combinar um encontro. Em meados de maio, marcaram uma confraternização no próprio DCE e não precisou de muito para que ambas percebessem a harmonia que tinham entre si quando o assunto era música: Laura pegou o violão, instrumento que já dominava desde quando seu querido professor de português do ensino fundamental a ensinou, e perguntou o que queriam que ela tocasse. Sem resposta muito definida, por fim, tocou uma daquelas músicas que já sabia de cor e que tocava sempre em casa, dessas que havia aprendido através de uma revistinha de acordes comprada em uma banca de jornal qualquer. Por enquanto, nada de samba. Tocou a melancólica melodia de Yellow, do Coldplay. Foi bonito e houve até tímidas palmas no final de sua pequena apresentação. Laura não nega suas raízes adolescentes e rememora sem pudor algum: “Eu gostava de rock, eu gostava de pop, então a maioria das músicas que eu aprendia eram desse estilo”. Pediram mais outra e mais outra e ela seguiu com seu repertório de músicas dedilhadas e não lá muito animadas, até que Lara a interrompeu, meio rindo:

eu não vim só sambar

– Vem cá, você não sabe nenhuma música que não seja tão triste?

lara era essa pessoa que tinha pouquíssimas papas na língua, espontaneidade sobrando e vontade de dançar em uma animada roda de samba. Laurinha, por outro lado, era introvertida e contava sempre com seu violão, seu grande aliado, quando lhe era designada a difícil tarefa de socializar e manter amizades. O confronto entre as duas personalidades poderia ser um impasse entre o caminho que seria percorrido pelas meninas, mas o que aconteceu foi justamente o contrário. lara bem que estava precisando de pés no chão e Laurinha precisava voar mais alto.

– Pode ser essa?

Perguntou Laura, ainda tímida, e embalou o sambinha de boteco que lara estava esperando desde o começo da rodinha. Daí pra frente ficou fácil e a roda durou a noite toda. Foi assim: em um espaço pequeno e sem muito cuidado, designado aos estudantes universitários, com um sofá encardido e uma mesa de bilhar na sala ao lado, alguns amigos e dois violões, que os caminhos das duas se cruzaram e se embaralharam até hoje, formando um nó desses bem apertados e cheios de histórias que ninguém consegue separar.

Todo o resto partiu deste momento. Conversa vai, conversa vem, as meninas descobriram que, apesar das personalidades praticamente opostas, o sonho era o mesmo. A vontade era de criar música, trazer a alegria do samba, fazer todo mundo dançar. Hoje, ambas dão gostosas risadas pensando naquela época e relembram com leveza toda a jornada que percorreram juntas. Mas, como toda história, um capítulo de cada vez.

A conhecida expressão “casa da mãe Joana” significa um lugar em que tudo pode, onde a bagunça e a confusão predominam. De acordo com historiadores, a tal Joana foi uma rainha de Nápoles durante a Idade Média que passou a ser fugitiva, exilada pela Igreja, por conta de sua vida desregrada pelos valores da época. A rainha rebelde regulou bordéis na cidade onde se refugiou, impedindo que prostitutas fossem mal tratadas, e era vista como mãe pelas trabalhadoras da região. A casa da mãe Joana passou a ser sinôni-

mo de prostíbulo, carregado um significado pejorativo ligado a desordem e promiscuidade. Se pararmos para pensar Joana fez exatamente o contrário.

Agora voltando para o cenário da nossa história: a partir do dia em que Laura e Lara se encontraram, as rodinhas de violão nas festas de ocupação se tornaram frequentes. E mesmo quando não havia festa, havia roda. Os amigos e amigas se reuniam praticamente todas as semanas para confraternizar, brindar e curtir uma boa música brasileira. As duas nunca faltavam e criaram uma boa amizade que apenas cresceu. Com o tempo, a pequena tradição que nasceu no DCE foi virando um costume conhecido dentro da faculdade e as pessoas que participavam dessa brincadeira eram sempre as mesmas. Do nada os encontros viraram uma bagunça-organizada: vinha sempre uma percussionista, alguém que também gostava de cantar, uma outra que sabia tocar o baixo, outra com mais um violão. Quando toda semana o mesmo grupo de pessoas se junta para tocar um som, não faz sentido não dar um nome e tocar em outros lugares.

E assim nasceu a Casa da Mãe Joana. No entanto, foi justamente na época quando decidiram se juntar pra valer que houve mais mudanças na composição do grupo, afinal, era divertido tocar na faculdade, mas ninguém queria mais responsabilidades do que já tinham com aulas, estágios e suas vidas pessoais. Algumas meninas persistiram. Eram elas a Sueli e a Carol, amigas da Laurinha e da Laiá e que também cursavam Letras pela USP. Quando precisaram de mais gente, recorreram para o pessoal de fora da faculdade, indicação de outros amigos. A Nick, percussionista e a Flávia, baixista, eram amigas de bairro da Carol e integraram a Casa da Mãe Joana durante toda a vida do grupo.

A partir de então o projeto tomou forma, assim como a banda, que contava com seis mulheres. Pela quantidade, há de se imaginar que o grupo fazia jus ao nome que recebeu. Cada momento era particular, diferente do anterior e do próximo. Cada um tocava um instrumento, no improvisado pensado e na bagunça organizada. Era essa a proposta da Casa da Mãe Joana, afinal, na

cabeça de jovens universitárias, tocar uma banda não exigia lá toda a responsabilidade do mundo. No dia seguinte, tudo mudava de novo.

As meninas tinham um repertório um tanto quanto eclético, porque, afinal, tocavam o que gostavam de ouvir. Tinha desde Janis Joplin e Lynyrd Skynyrd a Chico Buarque e Caetano Veloso. A regra era clara: vamos nos divertir e divertir os outros. Com essa filosofia, pouco importava se o som realmente estava ok para o ambiente onde iriam tocar, ou se alguma frequência grave ou aguda sobrava no amplificador. Até porque, os locais onde se apresentavam eram basicamente alguns eventos para os quais eram chamadas, barzinhos que frequentavam perto da universidade, saraus da USP e a noitada paulistana, bairros como Vila Madalena e Baixa Augusta. O único objetivo que nunca perdeu o foco foi tentar ganhar espaço com uma banda formada apenas por mulheres e tentando enaltecer o samba e outros gêneros musicais, duas tarefas no mínimo desafiadoras, considerando os padrões que regem a sociedade.

Ser protagonista neste enredo, em um universo no qual a mulher é sistematicamente preterida e tirada do foco por causa da presença de homens no mesmo espaço era um dos muitos obstáculos que Lara e Laura iam enfrentar durante a trajetória. Mas persistiram, o tempo todo tentando fazer com que aquilo desse certo.

De fato, era um grupo amador, pelo fato de que nenhuma das meninas que integravam a Casa sabiam como manter uma roda ou uma banda. Ninguém estudava música, nenhuma delas tinha ouvido bom para equipamentos de som e áudio. Ninguém sabia que o tamanho e o formato do lugar onde iam se apresentar interferia na maneira como o público ia escutar o que estavam tocando. A certa altura do campeonato, pensaram que algumas gravações em estúdio seriam um artifício interessante para tentarem expandir a Casa, mas a verdade é que nada ficou como gostariam que tivesse ficado. Se juntaram em um estúdio na rua Teodoro Sampaio, zona oeste da cidade de São Paulo, e fizeram uma gravação ao vivo. Isto é, todas ao mesmo tempo, ao vivo, sem edição separada de cada áudio, o que resultou em um arquivo bas-

tante poluído, do qual as meninas nunca se orgulharam e que nunca tiveram coragem de mostrar. Foi a única tentativa de gravação de faixa delas.

Laurinha confessa que, no começo, divertido mesmo era juntar alguns amigos em uma festa, ficar responsável pelo som e entreter o pessoal que queria assistir. Juntar um troco no final do dia era lucro. Foi só depois de algum tempo, mais um menos um ano após a formação do grupo, que ela e lara começaram a sentir falta de algumas coisas que as outras integrantes da Casa não estavam sentindo. A partir desse momento, queriam um repertório próprio, sentiam falta de compor as próprias canções, queriam reconhecimento externo e queriam ser avaliadas por um número maior de pessoas, composto por gente que não fazia parte exclusivamente do ciclo de amigos delas. Queriam mais comprometimento do que estavam conseguindo inspirar nas outras integrantes do grupo.

A quantidade de pessoas também era um pequeno entrave para que crescessem mais, já que eram muitas ideias a serem debatidas, muitos objetivos a serem conquistados e nada parecia fluir com harmonia – até mesmo o nome: “Casa da Mãe Joana”, passou a ser um sinônimo evidente de desordem, e isso era tudo o que as meninas não queriam ver acontecer com o grupo pelo qual tanto haviam batalhado para manter nos últimos tempos. Como era de se esperar, houve alguns pequenos desafetos, discussões, inseguranças. Outra questão é que, com um grande número de pessoas, o dinheiro que conseguiam tirar se apresentando em bares e pequenos eventos mal dava para pagar o ônibus de volta para casa. A remuneração já era baixa, e ainda dividida por seis pessoas?

Quando os convites para apresentações menores começaram a surgir, lara e Laurinha perceberam que um é pouco e dois é bom, mas três ou mais já iriam atrapalhar no percurso. Ambas acharam que seria uma boa ideia montar um projeto paralelo, em que só as duas amigas-irmãs fariam parte, já que a sintonia entre as duas era das mais bonitas de se ver. Nesse tempo houve diversas tentativas e configurações diferentes para dar um corpo a sua nova

ideia, pois sabiam que uma formação concreta era essencial para a sobrevivência do samba das duas. Até que decidiram que o melhor seria manter a dupla inicial, afinal, como dupla elas sabiam que as coisas funcionariam bem por diante. O que antes era uma casa lotada de gente, virou um quintal modesto e sólido. Promissor, cheio de aspirações, de vontade de ir para frente. Agora que cabia menos gente, sabiam exatamente como deveria se chamar o grupo: Quintal de Iaiá.

O caminho a ser percorrido daquele momento em diante era o da profissionalização. Elas perceberam que o papel de gênero em que estão inseridas poderia ser um empecilho para crescerem no meio artístico, e é isso que une a história da dupla com a de tantas outras mulheres que também tentam se aventurar no território do samba, mas de cara percebem que não são bem-vindas ali. Ritmo tão brasileiro, carregado de história e marcas de luta, mas que, ainda, leva consigo o estigma do machismo arraigado na nossa sociedade e afugenta as personalidades femininas que, mesmo fora do tão esperado padrão, tentam encará-lo de frente e desestruturar suas bases de opressão. Durante as tentativas de gravação de seu primeiro EP, Laura conta que sentiram as amarras do machismo lhes prendendo e, assim, perceberam que dali para frente o fato de serem mulheres e desafiar os estereótipos ligados à feminilidade seria uma de suas cordas. As situações que as testavam nesse sentido seriam inúmeras dali por diante. Certa vez, Lara e Laura estavam reunidas em um estúdio no bairro da Lapa para um ensaio costumeiro. Durante a passagem do som, Laura percebeu que um dos amplificadores, conectado ao microfone ao qual cantava, estava emitindo um ruído bastante diferente do que estava acostumada. Chamou o técnico de som, para tirar a dúvida:

– Escuta, essa caixa tá com um som estranho, não tá não?

– Não, tá não, tudo normal. – respondeu o técnico, desinteressado.

– Tá sim, olha. – Laura dava tapinhas no microfone, evidenciando o ruído estranho.

– Também, se você estapear o microfone, é claro que vai estragar.

– Mas mesmo que eu não bata, olha. – estalando os dedos na frente do microfone, sem encostar nele, fazendo com que o mesmo ruído persistisse.

– Ah, mas isso é assim mesmo.

A essa altura, Laura, já nervosa, tentou convencê-lo novamente:

– Olha, tá sobrando uma frequência sonora anormal aqui nesse amplificador, como a gente pode arrumar?

– Não sei, você quer mudar de sala?

– Sim. Pode ser?

Trocaram de sala e, ao dar continuidade ao ensaio, o amplificador estava normal. “Quando a mulher é só intérprete, tudo bem. Até porque, a maior parte das divas e das grandes vozes brasileiras são mulheres. Mas a partir do momento que a mulher tenta se envolver com a parte técnica da coisa, com a parte instrumental, a gente logo é desconsiderada.”, afirmou Laura, e continua: “A gente tem que, o tempo todo, se reafirmar, porque a primeira impressão é que ou a gente não sabe do que tá falando, ou a gente tá falando qualquer coisa pra fingir que entende.”

Laura e lara relatam que passam pelo mesmo episódio sempre que vão se apresentar em algum lugar novo. Passar o som é sempre um momento tenso, porque sempre dependem do bom humor e da boa vontade do técnico de som do dia. Se não houver nenhum dos dois, já sabem que vão se estressar. “Eles ficam bravos se eu peço pra aumentar ou diminuir um grave ou um médio do meu violão. Eles acham que eu não sei do que eu to falando, mas cara, eu to aqui fazendo o quê? Eu não to aqui pra mostrar o meu repertório com a minha dupla do Quintal? Então eu sei o que eu estou fazendo.” Nessas ocasiões, quem tenta mediar a situação é lara, já que Laura perde a cabeça primeiro.

De qualquer maneira, todas as decisões em relação aos músicos e produtores que iriam participar do trabalho eram de comum acordo, nenhuma das duas se colocavam à frente de nada. Elas queriam algo bem feito, que refletisse suas personalidades e que lhes inspirasse. Precisavam de alguém que

as compreendesse e apoiasse o trabalho e as composições feitas através de muitas noites em claro e muito empenho. Com a ansiedade de darem início à profissionalização de seu trabalho, as meninas pensaram em um nome que talvez se encaixasse nas expectativas. Jeff Pinas era um produtor com grande peso e importância no mercado da música no Brasil. Ele era alguém que já havia produzido algumas duplas sertanejas de sucesso, cantores e cantoras que com certeza já ouvimos na rádio em algum momento e, mais recentemente, deu embalo à dupla “pop-folk” Anavitória, formada por Ana Clara Caetano Costa e Vitória Fernandes Falcão, que tem feito bastante sucesso no showbiz. Além disso, era acessível o suficiente para encarar o desafio de empreender duas meninas que ainda não estavam familiarizadas com o difícil mercado musical. As indicações de amigos, conhecidos do ramo e outras referências externas foram muitas. Não fazia muito o estilo das meninas, mas resolveram tentar, com uma pequena pulga coçando atrás da orelha.

Depois do primeiro contato, marcaram um café para apresentar o trabalho e entender se o santo batia ou não. Ao chegarem no endereço, se depararam com um casarão antigo, muito bonito e muito bem decorado, uma verdadeira mansão próxima ao estádio do Pacaembu, na cidade de São Paulo. Pé direito alto, escada de mármore e colunas no meio da sala eram algumas das características da casa. Sentaram naquele sofá imenso, entreolharam-se algumas vezes tentando interceptar a mensagem que uma queria enviar a outra sem abrir a boca, já que nunca estiveram em um lugar tão enorme quanto aquele. Pensaram até em desistir, mesmo que por alguns segundos, mas, de qualquer forma continuaram firmes. Apresentaram uma pequena palha de suas produções independentes, que até então não tinham sido gravadas em estúdio, para mostrar a que vieram e, no final, ouviram tudo o que ele tinha a dizer:

– A música é boa, sim. Mas vocês precisam ter algum apelo, algo que chame atenção do público. Essas meninas que fazem sucesso hoje em dia, elas cantam bem, são bonitas e tem um quê de mistério e fetichização. Podem

ter belezas exóticas, mas você as imagina numa capa de revista.

A mensagem dele era clara: para se manter nesse mercado, ter voz e talento, por vezes, não é suficiente. A imagem sempre comunica muito, às vezes mais do que a própria música, por incrível que pareça. Por mais que ela se molde às mudanças da sociedade e o que está em pauta, a indústria cultural tende a colocar a mulher em uma perspectiva diferente da dos homens. Sempre foi assim. Faz parte do show.

Toda a socialização que envolve a participação do homem no âmbito da música, não só do samba, é diferente da socialização feminina. São direções opostas com expectativa de participação de gênero completamente diferentes. Do homem, espera-se que esteja sempre à frente do palco, de preferência com o maior do holofotes. Espera-se que a composição da música e sua interpretação, assim como todo o arranjo instrumental, sejam feitas pelo próprio músico ou pelos produtores musicais responsáveis pela carreira daquele músico – sendo que isso dificilmente reflete o que de fato acontece nos bastidores da indústria do entretenimento. Aqui, o céu é o limite e ele pode pertencer inteirinho ao homem. Por isso, o papel que cabe à mulher é o da interpretação do trabalho masculino. Isso, contudo, não quer dizer que não exista o contrário: há registros de mulheres que criavam suas composições e as vendiam a homens ou, ainda, utilizavam um pseudônimo masculino para ter alguma chance de comercializar sua arte.

Outro detalhe que muda completamente a trajetória de Iara e Laura, seja na vida profissional ou pessoal, é que ambas são lésbicas. Os desafios, enfrentaram tanto na rua quanto em casa. Laura se viu rejeitada pela mãe, silenciada no trabalho, com medo da reação dos colegas e dos chefes. No entanto, hoje em dia exibe com orgulho a aliança de noivado e as fotos da pequena nova enteada, cuja alfabetização tem acompanhado com muito amor e dom de professora. Iara sempre foi ativista LGBT, desde a época da faculdade. Viajou o país inteiro lutando pelo que acredita. Mesmo assim, sente na família certo distanciamento em relação aos problemas que a cerca. Uma de suas

tias não gosta de ver mulheres beijando mulheres, transsexuais andando na rua livremente. Que isso exista, tudo bem, contanto que longe dela e de sua casa. Nas festas de final de ano, lara é da família, mas sua amiga lésbica não é bem-vinda.

Formadas em Letras e licenciatura pela Universidade de São Paulo, ambas são professoras e trabalham com crianças. As duas já chegaram a trabalhar juntas na mesma escola, onde elaboravam atividades lúdicas e contavam histórias para as crianças em processo de alfabetização. Em muitos desses contos, Laurinha levava o violão e acompanhava o canto de lara. As crianças adoravam, tal como os colegas da faculdade tempos antes. Elas sentiam que aquela parceria seria para a vida e estava na hora de levar o projeto adiante. E assim estava decidido. Montaram um grupo no WhatsApp com os músicos que as acompanharam em diversas apresentações e combinaram as reuniões para gravação do EP, que serviria de cartão de visita e portfólio das canções que produziram juntas ao longo dos anos. Laura na composição e sentimento e lara, voz e carisma. Seria a primeira vez que as meninas fariam algo diretamente focado no profissional, trabalhando com pessoas mais experientes da cena. Essa empreitada iria necessitar muito apoio financeiro mais esforço para torná-lo realidade.

Com a ajuda de alguns amigos, criaram uma conta no Catarse, site de arrecadamento de fundos, e começaram um *crowdfunding*. O objetivo era arrecadar uma boa quantia de dinheiro para ajudar a arcar com os gastos de produção, estúdio, músicos, instrumentos, produção... Os cálculos iniciais mostraram valores bem menores do que elas gastaram no final das contas, afinal, colocaram no papel com certa ingenuidade o que achavam que gastariam com cada um desses itens. Apesar de tudo, a divulgação do projeto foi grande e o apoio ainda maior, o que fez com que elas conseguissem juntar uma boa grana: um pouco maior do que a meta proposta no site. Conseguiram, no total, 24 mil reais, sendo que a meta era 20 mil. Laura e laíá se consideram pé no chão, mas nunca deixaram de considerar um futuro promissor na música.

O desafio seria encontrar pessoas para trabalhar junto delas que olhassem para o mesmo horizonte. Logo no início, em meio a conversas e próximo da finalização e data limite do crowdfunding, uma amiga se dispôs a produzir o disco e por um preço bacana. No entanto, por conta de outra oportunidade, essa amiga acabou viajando para o exterior e começou a tocar outros projetos, com a promessa de que voltaria em alguns meses para dar continuidade ao projeto do Quintal de Iaiá. Mas seis meses era muito para a ansiedade de Laurinha e Iara. Elas não poderiam esperar.

Pesquisaram, sentaram em sofás, visitaram diversos lugares. Depois de muita pesquisa e algumas caras quebradas pelo caminho, o Quintal de Iaiá finalmente encontrou uma pessoa à altura para colocar o sonho no papel. Ou melhor, na produção e mixagem. Carlos Pontual era músico profissional e, por muitos anos, acompanhou como guitarrista o ex-titã Nando Reis em sua carreira solo com a banda Os Infernais. Carlos trouxe para o projeto o que as meninas sentiam que precisavam. Apesar de sua seriedade contrastante com o astral das meninas, ele entendeu de cara a alma do negócio e valorizou toda opinião que surgia, por menor que parecesse. O bom astral, no entanto, não interferia no comprometimento e profissionalismo. Foram horas de ensaios, testes, gravações e madrugadas viradas em prol do primeiro e homônimo EP da dupla. O que encantou em Pontual era a maneira como se interessava pelo trabalho suado das meninas. Seu objetivo não era apenas ganhar sua grana e estampar a contracapa de um CD. Ele queria participar, ele incentivava como podia, levava adiante e compartilhava da vontade das meninas e colocar um bom trabalho nos computadores de gravação dos estúdios por onde passavam gravando.

Além de Carlos, as meninas tiveram a participação direta de Karina, noiva da Laurinha e mãe da Duda e que também compõe o grupo Samba de Rainha, também composto somente por mulheres. Karina responde os e-mails, organiza os contatos, toma conta da página no Facebook, registra os ensaios e shows e ainda faz segunda-voz quando é preciso. No último dia

eu não vim só sambar

de gravação, ela e Carlos fizeram uma pontinha de última hora, adicionando um corinho a uma das faixas do EP. Era justamente o que faltava para completar a música, até mesmo sem a mixagem. Aliás, esse foi um dos elogios que as meninas mais receberam esse dia, tanto pela equipe do estúdio que ajudou a produzir quanto por outras músicas que por ali passaram. Laurinha colocou algumas músicas para tocar mais uma vez, inacabadas, quase prontas, orgulhosa do trabalho já feito. Mesmo sem a mixagem e as edições finais. Contaram até com um pouco de improviso de última hora, mudaram de ideia algumas vezes quando se referiam às segundas vozes dos coros das canções. No fim do dia, não precisavam acrescentar uma vírgula. Estava pronto. Era o primeiro fruto daquele encontro no DCE universitário de dez anos antes. E era incrível.

Amizade de trocas

eu não vim só sambar

O bando que toca para todos

A estação de metrô Sumaré volta a ficar movimentada no final da tarde. Próximo às 18 horas, a maioria sai de lá voltando do trabalho, direto para suas casas, andando rapidamente nas calçadas e desviando das outras pessoas e dos carrinhos dos vendedores de pipoca que ficam ali em volta ganhando o troco. Um aglomerado aguarda o sinal verde do pedestre para atravessar a rua, e então com passos apressados cada um segue um destino diferente. Caminhando por um pouco mais de quinhentos metros, por entre subidas curvas e ruas escuras, chegamos no endereço combinado. Uma fachada sem portão, somente uma escada com poucos degraus que desce para a porta branca da entrada principal. Sem campainha ou interfone, batemos palma para avisar da nossa chegada. Conseguimos ouvir vozes, várias, abafadas pela parede e o som de uma televisão ligada. Após alguns segundos a porta é aberta e somos recebidas na pequena sala onde uma família inteira se acomodava.

Mônica, a anfitriã, amamentava sua filha recém-nascida no sofá da frente. Monalisa fazia companhia no lugar ao lado enquanto uma mulher mais

O bando que toca para todos

velha assistia ao jornal na televisão. Dois meninos adolescentes usavam um computador no canto da sala, entretendo-se com vídeos e música no fone de ouvido. A casa estava cheia e movimentada. Os habitantes, ao mudar de cômodos, reparavam nas duas pessoas novas que acabavam de chegar e as cumprimentavam timidamente. Além dos dois sofás encostados na parede, alguns banquinhos estavam espalhados no meio da sala, mas mesmo assim havia pessoas amontoadas no braço do sofá menor. A conversa era constante, principalmente sobre a maternidade. Quando o assunto era a nova rotina de Mônica, os olhos brilhavam mesmo que para falar sobre o quão pouco tempo de sono passou a ter desde o nascimento de Dora. Poucos minutos depois, Roberta aparece na porta de entrada dando abraços em suas amigas ali da casa. É uma mulher cheia de energia e com um astral diferente, ainda mais destacado do que as outras integrantes do grupo. Logo que chega, ela pede para segurar Dora no colo e é mais uma que se encanta com o bebê ainda tão pequeno.

Naquele ambiente, nem todos necessariamente eram parentes, mas todos se sentiam em casa. O tom da conversa sempre informal demonstrava a proximidade que cada um tinha entre si. Mônica sugeriu que conhecêssemos sua casa pela comodidade e pela praticidade ao precisar cuidar de sua filha, o que fez com que entrássemos em sua vida pessoal. É fácil perceber que aquelas mulheres que dividem o palco no trabalho não são nada diferentes daquelas que agora dividiam o sofá da sala.

Alguns anos antes, Mônica, Monalisa e Roberta Oliveira faziam parte do Grêmio de Resistência Cultural Kolombolo Diá Piratininga, uma ONG cujo objetivo é promover a cultura do samba paulista, em especial o samba rural, samba de bumbo e o batuque. Monalisa chegou de Santo André para tocar cuíca, convidada a participar do grupo por influência do pai sambista. Toda sua família é envolvida com o samba, e por isso o dom para a percussão sempre foi natural, acostumada desde criança com instrumentos da capoeira. Seu pai é Nelson da Represa, conhecido também por ser partideiro, compositor e

pesquisador do samba. Quando eles tocaram juntos em um evento da prefeitura, o fundador do Kolombolo, Renato Dias, logo fez o convite para entrar no projeto.

Mônica aprendeu a tocar na Pérola Negra, escola de samba da família e de seu bairro Vila Madalena. A avó baiana e a mãe sambista também fizeram parte da escola em que começou a desfilar desde pequena, além de ser ritmista da bateria. O convite para o Kolombolo aconteceu após um teste gráfico para uma propaganda, que rendeu o encontro com as outras integrantes do grupo. Roberta era a voz do Kolombolo. Elas ainda integraram um subgrupo com as pastoras do Grêmio, a Curimba, que segurava uma apresentação inteira somente com músicas autorais. Com mais liberdade e autonomia, Roberta sentiu segurança para montar um trabalho independente.

– Eu montei um grupo pra cantar e não chamei as meninas. Você não queria morrer de não tocar? – Roberta direciona a pergunta para Mônica.

– Pois é, ela começou a chamar todo mundo menos eu. – Mônica responde quase ressentida.

A formação do novo grupo, no começo, só contava com músicos homens. Roberta conta que a intenção era tentar algo diferente do que estava acostumada, menos íntimo e mais profissional, além de brincar dizendo que sentia vergonha de aparecer na frente de Mônica por considerá-la a mais bonita. “Com o tempo, não teve jeito. Não resisti e chamei a Mônica pra vir tocar e a Mona pra fazer o pandeiro. Por causa do astral. Então o instrumento em si, é claro, a gente pensa, mas o legal é a pessoa que vem com o instrumento”, relembra o início.

A história do nome da banda é uma junção de motivos, mas o principal surgiu em uma noite em que não apareceu ninguém para assistir à apresentação:

– Uma vez a gente foi tocar num bar que era aqui na Fradique. E não foi ninguém. Nin-guém. Não passava nem gente na rua. Sabe aqueles desenhos quando aparece aquelas coisas no deserto rodando? – Roberta conta.

O bando que toca para todos

– Aquela porção que a gente comeu a gente teve que pagar ainda. –
Mônica completa.

– Não, o cara deu pra gente porque ficou com dó. Se era pra imaginar que tinha alguém então deveria ter espírito pra cacete. Vamos cantar pro bando de lá. – a cantora lembra rindo.

Desde 2012, são os mesmos integrantes do Bando de Lá que tocam com Roberta Oliveira. Camila Alcântara é a mais recente percussionista, que entrou apenas para substituir Mônica no surdo durante a gestação mas já criou uma conexão forte o suficiente para permanecer no grupo. É a mais tímida do grupo e, assim que chegou, no meio do encontro, cumprimentou todos rapidamente. Sentou no canto do sofá mais próximo à porta e ficou apenas ouvindo os relatos, mas logo revelou sua própria trajetória. Camila teve no primeiro contato com o samba também uma experiência de machismo, protagonizada pelo próprio noivo. Trinta anos atrás, ela pediu que ele a ensinasse a tocar algum instrumento do samba. Camila já estava acostumada com percussão, pois sabia tocar bateria e acompanhava o noivo nas rodas.

– Não vou te passar nada porque isso é coisa pra homem.

“Eu teimei e queria aprender a tocar. Ele me passou um tamborim só e aos poucos eu fui aprendendo. Aí quando eu peguei, abandonei ele”, conta hoje.

Foi assim que Camila mudou de vida. Formou diversos grupos de samba aos quais se dedicava todos os dias da semana para mantê-los vivos durante mais de 20 anos. Quase parou quando decidiu começar uma faculdade de educação física, mas nem isso foi mais forte do que a relação com a música, já que as portas estavam sempre se abrindo para ela. Recentemente, recebeu a proposta de substituir Mônica e foi arrastada definitivamente para o Bando.

O samba de roda mantém vivo e pulsante em São Paulo nas noites descontraídas em bares e restaurantes da capital. Um dos locais que promovem encontros para o público é a Casa Barbosa, localizada no bairro do Bixiga. É por lá que Roberta Oliveira e O Bando de Lá apresentam-se regularmente.

Em uma noite de quinta-feira, com a casa ainda vazia, a cantora e todos os outros seis integrantes reuniram-se antes da apresentação, apertados em torno de uma mesa de quatro lugares, puxando cadeiras avulsas para que todos pudessem participar da reunião. O tom da conversa era calmo, focado, e o assunto tratava de resolver suas questões pessoais. O clima de proximidade e intimidade entre eles era claro durante todo o breve período que estiveram à mesa conversando. Apesar da questão profissional, Roberta e o Bando de Lá, acima de tudo, são todos amigos, uma família da música, que sabem tudo sobre o outro e fazem questão de contar, como comentou a própria vocalista comentou no intervalo de seu show:

– Se a gente não se gostasse, a gente não conseguiria fazer isso.

Com as questões resolvidas e a noite começando, o pequeno espaço da casa enfim começou a encher após o início do show. O público, em sua maioria, tinha acabado de sair do trabalho e buscava um lugar para relaxar e fugir da rotina maçante. Se foram parar ali por acaso ou de propósito, encontraram o endereço certo para isso. Uma casa antiga com um salão, grandes janelas logo na frente e o piso de madeira é o lugar no qual homens e mulheres da classe média, de diversas idades e lugares, sejam paulistas vindos da Zona Leste ou estrangeiros, se reúnem para participar daquela modesta e aconchegante roda de samba puxada pelos vocais marcantes de Roberta. Ainda era quinta-feira, mas já parecia final de semana. A energia não estava só no som, mas no comportamento carismático e extrovertido dos músicos. Alguns estavam lá por já conhecerem o grupo de outras apresentações, valorizando o trabalho do grupo independente e acompanhando sua rotina. Em pouco tempo, a casa toda estava contagiada com o ritmo do samba, dançando e cantando todas as letras, algo que eles pareciam transmitir com naturalidade. Sem palco, a roda de samba e o público tornavam-se um só, trocando energias na sala principal da casa que a essa altura já estava tomada pela batida rítmica dos instrumentos e impregnada com vozes de todos os tons acompanhando as letras cantadas pela líder Roberta Oliveira.

O bando que toca para todos

Até se acostumar com essa rotina, ela confessou que, na realidade, foi o samba que a escolheu. Antes do Kolombolo, ela fazia teatro e magistério e trabalhou como articuladora do aprendiz, e foi o trabalho social que a trouxe para a capital. Quando conheceu a ONG a trabalho, recebeu o convite para ficar como cantora e assim mudou sua vida profissional. Caiu no samba e começou a conhecer a história de vida do povo, o que a deixava encantada. Aprofundou-se nos artistas e suas músicas após tanto pedirem em suas apresentações que ela cantasse mais do estilo, o que incentivou o interesse por pesquisar a cultura. Aos poucos, percebeu que levava jeito pra cantar as músicas brasileiras e viu uma oportunidade.

Mesmo nascida em Campinas, São Paulo é a menina dos olhos de Roberta: diversificando do típico samba carioca, a cantora conta que prefere interpretar o samba genuinamente paulista de compositores velha-guarda da cidade, com composições urbanas e de letras que retratam o cotidiano da antiga terra da garoa. A escolha feita por ela é um diferencial para o público que acompanha seu trabalho - que admitem o gosto pelo ritmo em tons mais urbanos se comparado aos clássicos da cidade maravilhosa – e, também, é uma satisfação pessoal para ela poder ter contato com os mestres do samba que lhe entregam suas composições para interpretar. O grupo não é apenas uma forma de entretenimento, para Roberta chega a ser quase uma missão. Ela explica o compromisso social de seu trabalho representado por três fundamentos. O primeiro é religioso, em que a umbanda e o candomblé estão fortemente presentes na escolha das músicas. Em segundo, a consolidação do samba paulista, valorizando os compositores de seu estado. E finalmente, o segmento da educação, em que a música funciona como reprodução da história do samba. “Quando você traz um samba do Edeval, você explica pras pessoas que aquele senhorzinho que mora ali na Ponte do Limão ganhou 23 sambas enredo em escola especial. Quando você fala isso, você tá abrindo o repertório da pessoa também”.

Ao adotar esse compromisso, ela espera não só ampliar o conheci-

mento do público como também dar visibilidade para os artistas mais novos. Apesar de não gostar de suas músicas autorais, ela concorda que existe, além de todos os outros pontos, a necessidade de trazer mais composições feitas por mulheres. É dessa forma que espera trazer mais igualdade de gênero, e não formando um grupo todo feminino, justificando que o homem deve estar junto para ouvir. “Minha preocupação é passar o samba não conhecido, independente de quem seja, de questão social, que leva o sambista cada vez mais pra periferia. Independente da condição, o sambista preto, pobre, aposentado. Eu digo O sambista mas é o ser, independente do sexo. O ser sambista vive de sambista. Isso me preocupa mais do que a questão de gênero no samba”. Ela entende, no entanto, que existe uma grande diferença entre ser cantora e percussionista.

Naquela noite na Casa Barbosa, Mônica e Monalisa mencionaram logo de cara como é frequente sofrerem preconceito por tocarem percussão, sempre sendo observadas e apontadas, como se estivessem fazendo algo proibido, onde quer que se apresentem. A figura e a inspiração masculina na vida de Monalisa não a impediu de fazer a própria história como mulher. “Teve uma vez que um cara me falou:

– O pandeiro da Monalisa pode deixar que eu toco.

Mas sabe, aquela dupla linguagem? Questão do corpo da mulher. Um modo pejorativo, de zoar”. Ela conta que reagiu apenas tocando o instrumento, acostumada com o tipo de comentário.

Camila afirma que por muitas vezes os homens não a deixaram tocar em rodas de samba ou, quando deixavam, tentavam dificultar o ritmo para que ela parasse de acompanhar. Mesmo quando ela segurava o samba, eram poucos os que valorizavam o seu trabalho. Por várias noites, Camila teve medo de frequentar os eventos por ter sido agredida e ameaçada pelos homens. Casos como este aconteciam muito no passado, e apesar de hoje estar um pouco mais escondido, ela não deixa de sofrer com o machismo nas pequenas atitudes do dia a dia. “Talvez hoje a mulher tenha mais visibilidade. Elas estão

O bando que toca para todos

se movimentando e se unindo pra ter visibilidade, porque se for falar de machismo a gente estaria só sambando”, reflete Monalisa.

Por questões como essas, o grupo entende a importância de levar uma mensagem a seu público, sem restrições. Seja mulher ou homem, negros ou brancos, sambistas ou não, a preocupação está somente em serem ouvidos. “Eu não canto só em reduto de samba, toco na Vila Madalena pra um monte de branco. Se eu não cantar como é que eles vão saber? Se eu não mostrar pra eles que tem coisa legal”, comenta Roberta. “Você tem que cantar pro cara que sabe tudo de samba e pro cara que não sabe também”.

Apesar do comprometimento profissional, o Bando é independente e ainda não se sustenta apenas da música. O atual cenário das rodas de samba em São Paulo não permite que este grupo e tantos outros tenham o retorno financeiro ideal para fazer da música a única carreira. A dificuldade está na falta de incentivo do governo à atividade cultural em geral, o que prejudica ainda mais os trabalhos independentes.

Na sala da casa de Mônica, as mulheres do bando contam as histórias que constroem seu trabalho e as fortalecem contra o machismo. Elas aproveitam para se reconhecer nas semelhanças das experiências vividas e assim se conhecer um pouco mais. O samba, além de tudo, é um legado. “A Dora é sambista, a menina nasceu na segunda depois de deixar a mãe tocar o final de semana todo”, Roberta conta com o bebê no colo. “É filha do bando. Isso é rotina, a gente já tá pensando como vai colocar o moisés do lado do surdo”.

“Vai ter um pé balançando e o surdo tocando”, Mônica prevê.

eu não vim só sambar

Samba de mulheres na praça

As saias só não rodavam porque fazia frio e chuva e as roupas eram outras, mas os corpos se moviam como imaginamos, em volta da roda de samba. O bumbo e o reboleiro, os dois instrumentos de percussão de timbre graves, ditavam o ritmo da roda, enquanto os pandeiros, agogôs, caixas, tamborins e chocalhos incorporavam e preenchiam a música. As vozes e violões traziam o que há de familiar em uma música qualquer, com melodias não originais, escritas por sambistas hoje já velhas. Por trás de cada instrumento, uma mulher tocando. Fora da roda, todo mundo dançava.

A dinâmica era intercalada com músicas e discursos curtos que explicavam os porquês de cada canção que seria tocada em pouco tempo. Nenhuma pessoa sequer que estava naquele pequeno espaço do Centro Cultural do Butantã (CCB), na Avenida Corifeu de Azevedo Marques, deixava de sorrir, ora por uma piada descontraída, ora pela boa música.

O lugar era simples: ao lado esquerdo da porta de entrada, havia um palco baixo, com alguma estrutura que receberia instrumentos musicais futu-

ramente. Quem passava do lado de fora via tudo, por causa dos janelões de vidro logo atrás. No centro, um espaço vazio que servia como pista de samba e que, naquela ocasião, era ocupado pelas mulheres que faziam o som. À direita, algumas mesinhas dispersas, de madeira simples, guardavam as bolsas, os casacos e os guarda-chuvas de quem queria aproveitar a ocasião sem preocupação. Nos fundos, havia um balcão de alvenaria com uma grande peça de granito em cima, ocupado por uma barista de sotaque espanhol que servia as cervejas, refrigerantes, petiscos e quitutes para quem quisesse consumir durante a festança.

As paredes do CCB eram cobertas por desenhos que quase se mexiam, embalados pelas canções interpretadas: eram pinturas grafitadas de um lado, com imagens que remetiam a paisagens urbanas tropicais estilizadas, bastante coloridas; do outro, vários quadros retangulares, pequenos, com caricaturas de mulheres negras, cobertas de flores, todas misturadas, quase virando uma única figura que dançava.

A iluminação era fraca, com lâmpadas bem amarelas que esquentavam o ambiente e deixavam as cores ainda mais quentes e vibrantes. Era bom, pois do lado de fora chovia e ninguém percebia mais. Apesar do clima, que dificultava o acesso ao Centro Cultural Butantã por transporte público, a festa estava cheia e todo mundo queria sambar.

Era esse o cenário do Samba da Elis. Resumidamente, é uma grande roda de samba aberta, isto é, qualquer uma pode participar cantando, tocando e trazendo composições autorais ou já conhecidas. A organização do evento é composta e ocupada por mulheres que se reúnem mensalmente para perpetuar a cultura do samba e cultivar a presença feminina em um ambiente social majoritariamente masculino.

O Centro Cultural Butantã, na realidade, é um pequeno espaço que serve de subterfúgio para a roda quando o tempo está ruim. Cíntia Nascimento, a idealizadora do projeto, recorre a ele nos dias de chuva ou muito frio. Originalmente, o encontro acontece na Praça Elis Regina, também no bairro

do Butantã, a poucos quarteirões do CCB. Invariavelmente, as mulheres se encontram todo terceiro domingo do mês. É o domingo do samba das mulheres na praça.

Quando o Samba da Elis é na praça, o cenário é bem diferente, mas o clima é exatamente o mesmo. O tempo deixa tudo mais agradável e animado: não há roda de samba que não melhore com céu azul e sol a pino. Naturalmente, o encontro fica bem mais cheio, uma verdadeira festa em que toda e qualquer pessoa é mais do que bem-vinda.

As caixas de som e os amplificadores, assim como a mesa de som, são acomodadas embaixo de uma tenda armada nos domingos mesmo, pela manhã. Ali, são postas também as cadeiras das musicistas que mais tarde irão ocupar seus postos na hora de passar o som e animar o evento. Fica aquele mar de gente em volta, tentando encontrar um pequeno espaço para enxergar as meninas tocando os instrumentos, ou mesmo para movimentar o corpo na hora de dançar. Jáfia Lacerda, criadora do Samba das Meninas e que também ajuda na organização do Samba da Elis, comanda a roda, geralmente acompanhada de um pandeiro.

A praça é grande, ocupa uma área extensa entre as ruas José Álvares Maciel e Pereira do Lago, entre a Corifeu e a Rodovia Raposo Tavares, então cabe todo mundo que participa da festa, inclusive os vendedores ambulantes que aproveitam a deixa para vender a cerveja gelada, refrigerante, salgadinhos e docinhos. Por obra da prefeitura, a praça também conta com um parquinho, onde as mães, que não ficam de fora – Cíntia faz questão de incluí-las –, podem deixar os filhos enquanto curtem o programa de domingo. Desde às três da tarde até o anoitecer, o que se vê na praça é festa.

Para quem está por dentro, no entanto, a festa é só consequência de uma organização com objetivo de resistência na cidade de São Paulo. Entre uma música e outra, aqueles pequenos discursos serviam para manter aceso o debate de que lugar de mulher é dentro de uma roda de samba, compondo, tocando e cantando, e em qualquer outro lugar também.

A idealização do projeto é de Cíntia Nascimento. Para ela, o motivo que a fez pensar em uma roda feminina e mensal de samba foi o fato de que a mulher é sempre identificada como a dançarina da roda e, no máximo, a cantora. Quando ocupa o lugar de instrumentista e de fato faz o samba acontecer, há sempre duas reações: estranhamento e encantamento. “A gente não quer nenhuma dessas reações. A gente quer que a representatividade da mulher no samba seja tão grande que se torne natural, pois enquanto encararem a mulher instrumentista e compositora com estranhamento e encantamento, enquanto isso for exótico, a gente não vai conseguir diminuir a desigualdade. Tudo começa com o olhar de quem está de fora da roda.”

Hoje, o Samba da Elis é conhecido por muitas mulheres do samba de São Paulo. O evento costuma ser um ponto de encontro para elas. O que muitos produtores consideram um “problema” – várias artistas relataram ouvir de técnicos de som e produtores de eventos que “muitas mulheres juntas não dá certo” – se tornou um meio de conhecer outras mulheres com o mesmo ideal e fortalecer a militância, um espaço para que mulheres divulguem seus trabalhos com a música, em especial o samba. O Samba de Dandara e o Quintal de Iaiá, por exemplo, estão quase sempre por lá.

Mas no começo, em 2014, havia poucos instrumentos e recursos. A ocupação da praça não se deu por acaso. Cíntia e outras amigas que decidiram se dedicar à empreitada utilizando instrumentos próprios e emprestados. Elas convidavam outras mulheres conhecidas para tocar, divulgavam para mais outras e o encontro acontecia. O evento, que surgiu timidamente, cresceu no boca a boca e com a ajuda das divulgações por eventos no Facebook e matérias em blogs, como o Samba em Rede, do Catraca Livre.

As primeiras parcerias que tinham eram com os estabelecimentos da região. Um bar próximo à praça doou um gazebo para proteger as artistas do sol forte, outro ajudava fornecendo mesas e cadeiras. Enquanto isso, equipamentos de som eram emprestados por amigos. Com o tempo, o gazebo foi ficando gasto e com o dinheiro que conseguiam durante os eventos – a

cada final de roda, as organizadoras passavam com um chapéu para coletar doações – conseguiram comprar um novo. Depois disso, veio a parceria com o CCB, que as deixava ocupar o estabelecimento e utilizar os equipamentos internos caso o clima não estivesse favorável.

A vizinhança nunca havia sido um problema para o Samba da Elis, nem mesmo a prefeitura. Na gestão do prefeito Fernando Haddad, segundo Cíntia, não havia tantas exigências burocráticas. No entanto, desde o começo de 2017, com a entrada de João Doria no cargo, ela tem enfrentado certa dificuldade para conseguir o aval necessário para realizar os encontros a cada mês. Os projetos de privatização de Doria vão em desencontro com o que idealiza o Samba da Elis, no ponto de vista de Cíntia.

Recentemente, a equipe que organiza o Samba da Elis convocou ninguém menos que Leci Brandão para dar visibilidade ao programa e para protegê-lo da subprefeitura, ou a “prefeitura regional” do Butantã de encerrar o projeto. Segundo eles, é um espaço público que está se deteriorando devido ao contingente de pessoas que comparece aos domingos para a roda. Com uma presença forte como a de Leci, a ideia é que apresentar um discurso de inclusão e persistência, para que o espaço da Praça Elis Regina seja liberado permanentemente. A reunião com o prefeito regional, no entanto, nunca aconteceu, apesar de ter sido marcada inúmeras vezes. Sempre há algum imprevisto e a reunião fica marcada para algumas semanas a partir daquele momento.

O problema maior é a burocracia enfrentada. Todo mês, as organizadoras precisam buscar aval na polícia militar, coletar assinaturas, buscar os carimbos, levar tudo na prefeitura regional do bairro, buscar mais assinaturas e carimbos, levar tudo de volta na polícia militar e manter uma cópia de todos esses documentos no dia da roda, porque, depois de tudo isso, ainda há a chance de alguma ronda da PM passar e cobrar a regularidade da papelada.

Quem ajuda nessa empreitada é a Rádio Cidadã, que funciona em uma frequência baixinha, só nos arredores do Butantã, mas faz questão de

Samba de mulheres na praça

divulgar o Samba da Elis sempre que há alguma deixa na programação. Eles emprestam mesa de som, amplificadores e alguns elementos sem os quais a festa não acontece, e ainda dá apoio nessa tarefa de conquistar o espaço da praça.

eu não vim só sambar

Dê um instrumento para ela

O samba não é só uma música, é uma linguagem acolhedora. Com esse espírito de abraçar aquelas à sua volta e envolvê-los no ritmo dos batiques que dão o tom da roda, o Samba das Meninas, que funciona quase como um apêndice do Samba da Elis, é uma iniciativa que tem como objetivo ensinar mulheres a tocarem instrumentos de uma legítima roda de samba, reúne-se mensalmente com quem quiser chegar na praça Elis Regina.

Com a proposta de empoderar mulheres através da música e introduzi-las nesse universo infinito das artes, o grupo, apesar de estar em praça pública, parece estar em casa, transmitindo a todos uma sensação de aconchego e lar. Jáfia Lacerda, a idealizadora, faz questão de transmitir essa impressão.

Se quando chegaram ali, as mulheres eram todas estranhas entre si, ao final de algumas boas horinhas imersas naquela energia, tornam-se antigas conhecidas e relembram um período em que a música e os rituais celebravam a união. Jáfia explica que sua intenção com o Samba das Meninas é ensinar os fundamentos da música para que as mulheres possam aplicar o que aprende-

Dê um instrumento para ela

ram lá em outras rodas. “[O Samba das Meninas] é um coletivo que tem uma frequência muito rotativa, e é de fato para ser assim, porque como é um local de aprendizado, assim que as meninas aprendem o que a gente tem pra ensinar, elas vão tocar em outras rodas, vão voar.”

Quem passa pela praça Elis Regina no primeiro domingo de cada mês vai encontrar um grupo de cerca de vinte mulheres, de todas as idades, desde universitárias em seus vinte e poucos anos, mães com crianças, até senhoras de idade, que vão aproveitar a roda e lembrar a juventude. Todas têm o mesmo objetivo e a maioria arranha alguns instrumentos, na tentativa de tirar algumas notas.

Todo domingo é assim. Jáfia explica passo a passo como manusear cada elemento que compõe a roda: chocalho, agogô, tantan, rebolo, tamborim. O mais popular, no entanto, é sempre o pandeiro, que carrega todo o símbolo do samba sozinho. Para ensinar, Jáfia inventa uma música que destaca os movimentos a serem feitos para que o batuque surja. Repete o versinho que criou um mantra, até que em algum momento, nem que por um breve período, alguém consegue executar a lição passada. Pronto, começou o Samba das Meninas.

Todas as mulheres ali têm a música como denominador comum da sua experiência e, apesar de muitas não se conhecerem, todas estão juntas na tentativa de mergulhar de cabeça no samba.

O Samba das Meninas, perto de outros eventos organizados em São Paulo, inclusive pela própria criadora do coletivo, é pequeno e segue com uma marca bastante característica: Jáfia costuma levar seus próprios instrumentos de casa para emprestá-los para quem quiser aprender. A maioria das mulheres que chegam na praça para tocar estão bem longe de serem profissionais – muitas não têm sequer a mínima noção de como fazer a música acontecer, nem nunca encostaram em um instrumento, mas isso não impede que a roda aconteça. Mesmo em meio à cacofonia de pandeiros fora do ritmo, os instrumentos afinados, e a boa marcação de ritmo, fazem com que o objetivo de

empoderar mulheres através da música seja alcançado.

Em espaços femininos como esse, a igualdade entre todas as mulheres envolvidas prevalece e o importante mesmo é passar o conhecimento para frente – até as mais novas do coletivo se ajudam e procuram colaborar com o aprendizado das outras, fazendo com que, uma vez que dominem a técnica, todas as mulheres tenham a confiança para chegar em outras rodas. O samba, historicamente, não é lugar de mulher e, salvo iniciativas como o Samba das Meninas, o cenário continua a ser desanimador para a maioria das aventureiras que tentam avançar em um território tão masculino.

“As rodas de samba, as tradicionais, são extremamente patriarcais. Quantas mulheres você vê tocando?”, comenta Jáfia, analisando a proposta do seu coletivo de abrir um espaço onde essas mulheres que seriam excluídas em outros contextos possam explorar os instrumentos e o que mais tiverem curiosidade. “Aqui, naquele espaço, ela vai poder errar, acertar, aprender, ensinar [...] ali é um lugar principalmente de troca e fortalecimento da mulher dentro do samba.”

Jáfia é a grande mãe do coletivo, embora tenha demorado um pouco para mergulhar nesse universo. Tem olhos claros, cabelo comprido e encaracolado até a cintura, um sorriso que quase não cabe no próprio rosto e doçura na fala. Tem 34 anos, é bióloga de formação, mestra em psicologia, mas hoje atua na área jurídica. Sempre foi apaixonada por música e por samba. Tem em sua mente a lembrança clara de sua mãe ouvindo artistas nacionais em meio a tarefas domésticas, como Benito de Paula, Martinho da Vila, entre outros sambistas brasileiros. Admite, porém, que durante a adolescência, não se interessou muito por esse tipo de música. Foi só na faculdade, no final de sua adolescência e início da vida adulta, que conheceu Chico Buarque. De canção em canção, foi aprendendo a valorizar o ritmo e logo já era uma apreciadora de carteirinha do samba e da música popular brasileira.

Quando entrou para o mestrado, também na USP, começou a frequentar o bar de Eduardo Gudin, sambista, compositor e produtor musical

paulistano: o Bar do Alemão, localizado na Avenida Antártica, no bairro da Água Branca em São Paulo, conhecido por ser um refúgio da música brasileira na capital paulista. Nesse momento, imersa nesse universo, Jáfia começou a lembrar das canções que sua mãe cantarolava na sua infância o que ativou sua memória afetiva, fazendo com que seu amor pela música fosse ainda mais precioso.

Foi em abril de 2014 que Jáfia Lacerda teve contato com instrumentos de percussão pela primeira vez, quando foi convidada para participar de uma roda de samba no prédio da Psicologia da Universidade de São Paulo e, a partir daí, tomou gosto pela coisa. Foi nessa época também que Jáfia passou a frequentar de fato o ambiente das rodas de samba, uma vez que os estudantes do departamento de Psicologia organizavam eventos desse tipo semanalmente. A medida que ia atrás de informações para aprender a tocar, descobria uma dica, um macete, um jeitinho, e isso a fez montar seu repertório de instrumentos.

Frequentava rodas que denominou “semi-abertas”: “Era aberta, mas só pra quem sabia tocar. Como eu ainda estava aprendendo, os instrumentistas mais experientes tinham um certo receio, rolava um pouco de resistência para me deixarem entrar na roda.”

Jáfia entendia que a resistência que enfrentava para tocar junto com os outros instrumentistas era pelo seu aprendizado, como se ela fosse muito nova e pouco experiente para ajudar na condução das músicas ensaiadas, o que ela até conseguia compreender. Com o tempo, começou a perceber que alguns homens que tocavam o pandeiro no mesmo nível – alguns tinham até menos repertório e destreza com os punhos – do que ela eram bem-vindos, enquanto ela batia as mãos nos quadris, do lado de fora, como se estivesse segurando um instrumento, na esperança de que alguém notasse que ela sabia sim tocar e estava pronta para conduzir. Nada feito, continuava de fora, sem entender. “Eles eram muito bem recebidos, eles nunca eram questionados sobre o quanto sabiam tocar e eu via que estávamos no mesmo nível, era claro.

Mas por algum motivo, eu sempre tinha que ficar me provando, mostrando o que eu sabia antes de me deixarem entrar.”

Foi por causa dessa experiência que Jáfia teve a ideia de montar o coletivo, feminino e feminista, como ela mesma o chama, mas conta que não o montou sozinha. Outras mulheres tinham participação ativa na organização e promoção do evento, que ainda não havia sido batizado de Samba das Meninas. Cristiane Aguiar (amiga que conheceu no mestrado), Camila Paulo (parceira de rodas de samba pelo CRUSP), Yordanka Medina, Palomaris Mathias e Cinthia Nascimento (mulheres que conheceu pouco antes da ampliação do projeto do Samba das Meninas) são alguns dos nomes responsáveis pelo nascimento do que seria o coletivo de Jáfia, já que também se identificavam com o tipo de militância que iria fazer deslanchar o Samba da Elis.

Com ajuda dessas mulheres e com o empenho de Jáfia, o Samba das Meninas nasceu oficialmente em outubro de 2014. No início, era um pequeno encontro que ela promovia em seu próprio apartamento, no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo, o CRUSP. Fez um convite para algumas meninas e mirou no objetivo de formar uma roda-ensaio, isto é, uma rotina séria de treinos e a criação de um repertório único, já que ainda não tinha ideia de que o coletivo teria uma presença tão rotativa quanto tem hoje. Todo mês as mesmas moças estavam lá. Levavam os instrumentos que tinham em casa e se arranjavam para tocar.

Após aproximadamente três meses, Jáfia se deu conta de que, na realidade, quem ia naquele encontrinho eram amigas que estavam atrás de uma diversão, e não de um compromisso com ensaios. Foi com esse estalo que Jáfia percebeu a importância de divulgar seu trabalho, trazer pessoas novas, se organizar e, principalmente, deixar o espaço privado de sua própria casa para ocupar o espaço público, pois é assim que ganhariam visibilidade.

Separou o grupo que frequentava a sua casa em dois: o coletivo que se propunha a ensaiar, que já tinha o nome de Samba das Meninas, e o grupo Samba da Água Doce, para quem quisesse tocar o que já sabia com o repertó-

Dê um instrumento para ela

rio que desse na telha, e que hoje é uma roda fechada, também composta só por mulheres, amigas.

Inspirada pelo Samba de Elis e incentivada pela amiga Cínthia, que organiza o evento, Jáfia levou o Samba das Meninas para o mesmo logradouro e passou a fazer campanhas de divulgação nas redes sociais. Deu certo, o Samba das Meninas se tornou o coletivo que é hoje, atuando com estabilidade e empreendendo trocas importantes entre as meninas que se propõem a participar.

Yordanka é braço direito nessa empreitada que Jáfia arranjou. Enquanto ela ensina o pandeiro e o tamborim, Yordanka toca os instrumentos graves. “Os instrumentos de timbre mais grave são responsáveis por ditar o ritmo da música. Sem ele, todo mundo se perde, então a Yordanka cuida disso enquanto eu ensino os jeitinhos do pandeiro.”

Veza em quando, outras musicistas aparecem para dar apoio. Juliana Linhares é musicista e percussionista profissional, toca em bares na noite paulistana e tem vários projetos socioculturais envolvendo seu trabalho com o samba e é uma das profissionais que aparecem para dar uma aula sobre batucques na Praça da Elis Regina. “O coletivo do Samba das Meninas tem esse propósito, de promover o encontro de mulheres que queiram aprender a tocar. O objetivo é garantir o espaço e garantir a segurança. Porque assim, ninguém vai quebrar a cara do jeito que eu quebrei quando comecei.”

A ideia é que o coletivo continue com esse trabalho de formiga, de trazer uma menina de cada vez, transmitir um pouquinho de conhecimento a cada encontro. Mas Jáfia confessa que o seu sonho é que, em dez anos, o Samba das Meninas seja tão forte que vire um bloquinho, volumoso, cheio de meninas que saiam batucando pelas ruas do Butantã no carnaval de rua paulistano. É uma ideia distante, mas está lá, germinando. “Para que as coisas andam e cresçam, a única coisa que a gente tem que fazer é manter e dar suporte, com muito afinco, sem deixar que as dificuldades te desestabilizem”, é o que afirma Jáfia. A falta de instrumentos na roda é um dos problemas com os

eu não vim só sambar

quais elas têm de lidar. Os que vão para os encontros aos domingos são dela mesma e são poucos apesar de diversos. Então, uma das ideias é uma grande campanha de arrecadação de instrumentos musicais de percussão que possam servir de objeto de estudo pra quem aparece na praça.

Atualmente, Jáfia tenta atuar em diferentes projetos voltados para a relação entre a mulher e o samba, além de idealizar alguns outros, ainda que tenha receio de falar deles por serem muito crus, mas garante que corre atrás de mulheres que estejam procurando uma maneira de obter esse tipo de aprendizado e insiste que sobre isso, ela tem muito a ensinar.

Porque um samba tem muito a dizer

Em uma noite de maio, em um espaço quase escondido, acima de uma pizzaria, guiado por uma escada longa e estreita na entrada ao lado do estabelecimento, foi o lugar onde o Samba de Dandara montou a sua roda. O lugar discreto é, na verdade, um ponto oculto de resistência na cidade, desses que quase saíram de um livro de história e, do nada, estão ali na sua frente tal qual era há 50 anos. O salão com umas poucas mesas, incontáveis cartazes de mulheres notáveis da história, como Frida Kahlo, Olga Benário, Anitta Garibaldi, bem como personagens masculinas, tais como Karl Marx e Ernesto Che Guevara, e pouca iluminação é regido por uma militante de esquerda que, ao longo dos anos, se dedicou à criar um ambiente de luta. Sobrevivente da ditadura militar do país, a dona do espaço, uma senhora de cabelos ruivos, curtos e rosto marcado pela idade, tomou o microfone pouco antes do Samba de Dandara começar a tocar e fez um breve discurso falando da sua motivação para criar o Espaço Rosa Luxemburgo Latino Americano, em homenagem à Rosa Luxemburgo, comunista polonesa que lutou contra o capitalismo e a

Porque um samba tem muito a dizer

favor da social-democracia nas primeiras décadas do século XX. Após alguns comentários sobre o atual cenário do Brasil e entoando um “fora Temer”, em meio a aplausos e assovios, as musicistas começaram a aprontar suas coisas para começar o ensaio aberto.

Logo na passagem de som, um imprevisto: a corrente elétrica parou de funcionar e os instrumentos não puderam ser ligados. Nesse meio tempo, enquanto o grupo resolvia o que fazer, Laurinha comentou que esse tipo de problema com os equipamentos é recorrente e que quase sempre vem acompanhado daquelas leves, mas bem demarcadas demonstrações de um machismo velado. Ela relembrou que por diversas vezes passou por isso e foi confrontada por homens que duvidavam da sua capacidade de lidar com o próprio equipamento e ficavam constantemente tentando resolver a situação, como ela por si mesma não fosse capaz de dar um jeito no impasse.

Mesmo assim, as mulheres continuaram com sua apresentação em forma de ensaio aberto, cantando mais alto e tocando mais forte, já que não tinham apoio dos equipamentos e amplificadores. Maíra, após a primeira música, deixou claro:

– Isso aqui é um ensaio aberto, como vocês bem sabem. O bom de ser ensaio aberto é que a gente pode errar e se corrigir na mesma hora, sem causar outros problemas – E são poucas as vezes em que nós podemos errar, não é mesmo? – finalizou com um sorriso no rosto e entoando a próxima canção a ser apresentada.

Aquela noite foi de improviso, com convites para o público participar da roda e inventando a seleção de músicas conforme lembravam. Para se envolver nem era preciso conhecer o samba, era só ter vontade de fazer parte e saber minimamente qualquer instrumento. Todos que assistiam ao ensaio em poucos minutos levantaram de suas mesas e começaram a dançar. As instrumentistas trocavam olhares que significavam uma demonstração bonita de amor ao trabalho, à música e à amizade que haviam construído graças a esses dois fatores.

Uma pequena colher de madeira estava disfarçada de baqueta para o tamborim, o timbre do surdo impulsionava a harmonia assim que entrava em cena e a caixa oscilava entre batidas de samba, baião e maracatu, acompanhando a levada do violão e cavaquinho. Bastava que se entendessem no olhar para começar a próxima melodia.

No final da noite Maíra, já cansada depois de puxar o samba somente na voz, sem o auxílio de microfones, sentou-se para conversar com as outras mulheres que estavam na mesa. Sempre calma e muito contida, exatamente o oposto do esperado de uma vocalista de um grupo de samba, ela contou um pouco da história do grupo e ressaltou que nenhuma delas ainda consegue viver somente de sua música e que, por isso, todas as integrantes da roda precisam manter-se em empregos paralelos, mas não deixou de apontar sua preocupação sobre as narrativas que poderiam ser originadas a partir daquela noite. Com um voto de confiança, Maíra foi extremamente solícita e dispôs-se a abrir as portas do mundo do samba.

– Acho importante que estejam levando essas histórias para um espaço em que dificilmente teríamos acesso. Vamos marcar uma conversa qualquer dia? – e assim se fez.

Alguns meses depois, quem contou a trajetória do Samba de Dandara foram duas integrantes das sete que compõem o grupo: Maíra da Rosa, mulher negra, alta, de cabelos atualmente trançados, por vezes cobertos por um turbante, sorriso grande, dona de uma voz inconfundível e, portanto, vocalista do grupo e Mariana Rhormens. Diferente de Maíra, Mari é branca, baixinha, tem cabelo ondulado e é uma das percussionistas que criam o batuque durante as apresentações. Seu apartamento, que fica próxima à Universidade de São Paulo no Butantã é o espaço que nos foi cedido para conhecer a história desse grupo composto somente por mulheres que se uniram pelo mesmo gosto musical e propósito social.

As outras cinco musicistas que dão vida ao Samba de Dandara são Laís Oliveira, que toca o cavaquinho, Laurinha Guimarães (sim, a mesma Laura

Porque um samba tem muito a dizer

que completa a dupla do Quintal de Iaíá, ao lado da Iara Viana), no violão e as outras três moças que ajudam Mari na percussão: Roberta Kely, Ana Lia e Maíra Ranzeiro. O nome Dandara veio como referência à companheira de Zumbi dos Palmares, uma guerreira quilombola negra que, segundo lendas, teria se suicidado para não retornar a condição de escrava, atirando-se de uma pedreira após ser presa, em 6 de fevereiro de 1694. Uma das principais diferenças do Samba de Dandara para O Bando de Lá, grupo que acompanha Roberta Oliveira (outra musicista dentre todas que conversamos para a produção deste livro) é o fato de todas as integrantes serem mulheres. Mulheres que também não sobrevivem apenas do samba, mas encontram no grupo uma maneira de se expressar e compartilhar a música.

A verdade é que nem mesmo elas lembram direito como começou oficialmente, quem veio primeiro, quem saiu antes, quem trouxe quem. Foi um verdadeiro entra-e-sai, resumido pelas nossas duas narradoras e que resultou em algo assim: “A Lívia e a Laís estudaram juntas no cursinho e já se conheciam. A Marcela e a Mica eu não lembro como vieram parar com a gente. Eu não conhecia ninguém, meu namorado, o Felipe, era amigo de uma amiga da Laís e ela indicou meu nome porque sabia que eu tocava alguns instrumentos de percussão. Aí tinha a Martinha, que foi pro violão quando a Marcela saiu, antes da Maíra entrar e foi quando a Laís assumiu o cavaco. Depois saiu a Mica, entrou a Mari Lima. A Fernanda entrou trouxe a Roberta. Depois, a Fê saiu e entrou a Lígia, amiga da Roberta. A Laurinha só entrou quando a Lívia foi estudar na Paraíba. Aí a gente tinha mais ou menos uma formação, mas não tinha ninguém que assumisse a bronca que era cantar todo o nosso repertório”, explicou Mari, enquanto tentava nos fazer entender um pouco da história do grupo. “Foi quando a gente foi atrás da Maíra.”

O Samba de Dandara já tinha um ano de existência, sempre nessa dança da cadeira, quando foram atrás de alguém que fosse a voz do grupo. Mica, que ainda fazia parte da formação, disse que tinha uma indicação, e convidou todas as meninas, para uma pequena audição em sua casa, próxima ao

SESC Pompeia, em que Maíra da Rosa seria apresentada. Mari confessa que, quando descobriu quem era a candidata, pensou que não fosse aceitar fazer parte:

– Ela é muito profissional. Ela não vai querer tocar com a gente. Ela já tem outros projetos, porque ela ia se juntar com um monte de menina que não sabe fazer isso direito?

Ainda mais porque, quando Maíra abriu a boca pra cantar, a reação das meninas do Samba de Dandara foi de espanto. Era uma voz tão boa, bonita, tão forte. Apesar de todas terem certeza de que era ela quem seria escolhida para ser a vocalista da banda de samba, Maíra afirma que não foi essa a impressão que conseguiu captar naquele dia. “Eu cheguei lá super apreensiva, elas não me deixaram perceber que tinham gostado de mim. Falaram que iam ver, que iam me dizer depois se eu poderia ficar ou não.”

Quando disseram que lá era o lugar dela, Maíra afirma que aceitou pelo motivo de que tinha a impressão de que as meninas sabiam o que estavam fazendo. Sabiam qual era o objetivo do grupo e tomavam boas decisões para alcançá-lo. Elas queriam reafirmar o lugar da mulher no samba e, pra isso, tinham um cuidado especial com o repertório. “Tinha uma música, ‘Faixa Amarela’, do Zeca Pagodinho, que elas sempre tocavam, mas na parte da música que falava de agressão contra mulher, elas deixavam de lado. O trecho era o ‘Mas se ela vacilar/ vou dar um castigo nela/ Vou lhe dar uma banda de frente/ Quebrar cinco dentes e quatro costelas/ Vou pegar a tal faixa amarela/ Grava da com o nome dela/ E mandar incendiar/ Na entrada da favela’. Foi aí que eu entendi que elas sabiam mesmo o que estavam fazendo”, conta Maíra.

Foi assim que foram decidindo os repertórios. Ressaltando as cantoras antigas, as novas e enaltecendo as letras que as empoderavam. De qualquer jeito, depois desse período turbulento, o grupo se consolidou e ficou com a formação atual. Eram preciso sete meninas para que o coro ficasse cheio e o grupo fosse para frente e, portanto, assim foi feito.

No início, Mari Rhormens conta que a ideia não era tornar a música

Porque um samba tem muito a dizer

uma profissão. Elas tocavam em bares, em troca de algumas cervejas, sem garantia de público ou qualquer tipo de cachê. “Eu ficava bem aflita, porque eu já tinha alguns projetos musicais, já cantava em outras bandas, então eu sabia que isso acontecia mesmo, mas eu queria que o Samba de Dandara fosse pra frente e assim não ia dar”, conta Maíra, que estava envolvida com um projeto com dois amigos e com quem toca até hoje. Naquela época, as meninas ainda tocavam para brincar, queriam se divertir porque realmente gostavam de tocar música.

Foi a partir deste momento que as meninas perceberam que talvez fosse bastante vantajoso tratar da banda como algo que merecesse mesmo mais atenção. “Por isso que a maioria das meninas saíram. Quanto maior a vontade de profissionalizar, maior são as responsabilidades, né? Mais tempo de ensaio, mais dedicação, menos tempo livre aos finais de semana que é quando a gente toca”, conta Mari, com exceção da Lúvia, que saiu da banda por que ia estudar na Paraíba.

Depois da decisão de se tornarem profissionais, começaram a repensar algumas coisas. Não fazia sentido tentar projetar um grupo de samba e continuar tocando em troca de cerveja na noitada paulistana. Era preciso elevar as exigências, era preciso criar e produzir um material profissional que pudesse mostrar o trabalho delas, era preciso trabalhar em ferramentas de divulgação e, mais do que tudo, era preciso definir as diretrizes que seriam o rosto do Samba de Dandara. Agora, não tocariam mais em troca de uma cerveja, mas sim para impor uma ideia.

Com essa postura, os convites mais sérios vieram por consequência. Hoje, Laís e Maíra Ranzeiro já conseguem viver e se sustentar apenas com o que conseguem ganhar com a música. Naturalmente, por terem mais convites e mais oportunidades de tocarem em vários lugares diferentes, aumentaram também as situações desconfortáveis que apareceram pelo fato de estarem ocupando um espaço historicamente masculino. Maíra e Mari contam que algumas situações pelas quais passaram marcaram mais do que outras, mas, ao

mesmo tempo, as fizeram perceber que o trabalho que fazem é necessário e de resistência.

Uma das vezes em que Máira da Rosa ficou incomodada com a maneira com que mulheres são tratadas no ambiente de samba foi durante uma roda de homenagem a sambistas consagrados, chamada Bambas. Era uma roda enorme, cheia de gente tocando, às vezes até um pouco descompassado, pela quantidade de gente. Em determinado momento, pediram para que as mulheres do Dandara tocassem mais baixo, porque estavam atrapalhando. “Aconteceu isso, abaixaram nosso volume enquanto os caras continuaram tocando altíssimo. Depois disso eu fui trocar ideia com a organização. Além disso, toquei no assunto das galerias”:

– Escuta, vocês tem uma galeria enorme, quase um museu, homenageando um monte de artista e não tem nenhuma mulher? – perguntou Máira, um pouco indignada.

– Tem sim, tem o retrato de uma ali atrás. – respondeu o sujeito que estava sanando as dúvidas sobre os serviços naquele dia.

– Mas só uma?

O que chamou atenção foi o fato de que nem as compositoras já renomadas como Dona Ivone Lara, Leci Brandão, Jovelina Pérola Negra foram sequer citadas. Depois disso, a banda nunca mais foi chamada pra tocar.

Outra ocasião foi quando as mulheres se organizaram para tocar em uma roda de samba a convite do Samba de Vela, coletivo misto, com homens e mulheres. Durante a roda das mulheres, o som estava lindo, eram mais de vinte instrumentistas tocando e cantando. “Coisa linda de se ver”, segundo as meninas. Mas assim que a roda acabou, os integrantes do Samba de Vela assumiram as cadeiras e nem sequer convidaram uma ou outra para continuar com o trabalho que haviam começado. Simples assim. Ao serem questionados, os integrantes disseram que há pouca chance de mulheres trabalharem bem juntas, pois brigam muito, se desentendem, “dão muito trabalho”.

A última recordação e das mais recentes foi quando elas decidiram

Porque um samba tem muito a dizer

que parariam de tocar em um bar na Vila Olímpia após a técnica de som ter sido hostilizada pelo dono do bar. A impressão que tinham é que ele, o dono do bar, as engolia, pois elas aumentavam consideravelmente o público do estabelecimento e animavam a noite, mas a verdade é que eles nunca deixavam de procurar algum motivo para corrigi-las através da velha opressão velada, bem, como Laurinha havia apontado dias antes. Nesta noite específica, a discussão envolveu a técnica da mesa de som. “É mais difícil ainda encontrar técnica de som, que seja mulher. É um mercado muito fechado ainda”. Ela era técnica de som de trio elétrico há mais de dez anos e, mesmo assim, quiseram apontar o dedo para a moça, dizer que ela estava errada e não admitiram em momento algum que a defasagem do som da qual reclamavam poderia ser fruto de algum mal-funcionamento do próprio equipamento do bar. “A partir desse dia, a gente se reuniu e prometeu que não ia mais tocar em um lugar que não tem respeito pelo nosso trabalho”, conta Mari.

Isso tudo sem falar no tratamento diferenciado. Não existe o mesmo tratamento entre homens e mulheres instrumentistas e compositores, pelo motivo de que ou as mulheres são tratadas com desprezo, pois não deveriam pertencem àquele universo, ou são tratadas com extrema simpatia, e provavelmente estão sendo cantadas. Não há naturalidade.

Do mesmo jeito que enfrentam esse tipo de resistência por serem mulheres, Maíra da Rosa, Laís Oliveira e Maíra Ranzeiro destacam a resistência que sofrem por serem negras. “Eu cresci na periferia, no período da minha infância e adolescência que morei aqui em São Paulo. E nas festas de final de semana é isso que se ouve. O samba nasceu na periferia e continua lá”, disse Maíra da Rosa, apesar de acreditar que não há o menor problema em mulheres brancas envolvidas na cultura do samba, contanto que o espaço negro seja respeitado e o protagonismo seja mantido.

Durante uma conversa entre Maíra e Cíntia, idealizadora do coletivo Samba de Elis, essa exata questão foi trazida para a discussão:

– Então eu não posso tocar samba? Eu não posso estar na roda porque

minha pele é branca? – indagou Cíntia.

– Não é isso. Você pode tocar samba. Mas a hora que você precisar dar passagem, você vai dar passagem. Porque tudo na sua vida já é mais fácil, então você não deve dificultar a nossa, principalmente quando é em relação a alguma coisa que nos pertence. – respondeu a cantora.

Durante nosso bate-papo sobre a trajetória do grupo, Maíra quis deixar bem clara a questão do racismo e da interseccionalidade dentro do feminismo. Ela está sempre estudando essas questões e citando nomes de ativistas e estudioso(a)s que corroboram com suas opiniões. E o samba é um ótimo exemplo para explicá-las. “Nós, mulheres negras, lutamos para sermos mulheres por que o tempo todo somos ‘mulheres negras’. Mas ao mesmo tempo nós nos afirmamos como mulheres negras. É um turbilhão. Dentro do feminismo, a gente tem um recorte do feminismo negro, que serve pra gente se fortalecer, mas a gente precisa ir atrás de ‘ser mulher’ dentro do feminismo de uma maneira geral. No samba não é diferente.”, disse ela, que recentemente leu o livro “Pele negra, máscaras brancas”, de Frantz Fanon.

Maíra conta que chegou a assistir à uma entrevista do programa *Marília Gabriela Entrevista*, no canal fechado GNT, com as cantoras Fabiana Cozza e Roberta Sá. Em 2007, Fabiana havia ganhado o melhor álbum, enquanto a Roberta tinha sido escolhida como a melhor cantora de samba. Essa preferência, segundo Maíra, resume tudo: Roberta é uma grande cantora, mas é branca. “Tudo que a Fabiana representa – Ela cresceu dentro uma escola de samba. Mas se tiver que escolher um lugar para ocupar o lugar, vai ser a Roberta. A gente fica o tempo todo refletindo sobre isso, cada vez mais. Tem a ver com isso dos espaços que são tirados da gente. É isso. É pesado, não é leve não.”

Existe esse desentendimento de que quando uma pessoa branca busca integrar um espaço ancestralmente negro e identifica alguma barreira, como uma escola de samba, por exemplo, ela está sendo oprimida. Para Maíra, não é assim. “Minha companheira de vida, minha namorada, fala disso também. Ela toca em um outro grupo de militância negra, que eu também

Porque um samba tem muito a dizer

participo, o Negras em Marcha, e as meninas olham torto. Ela diz: 'Poxa, teve uma vez que eu sentei na roda e me olharam estranho'. Eu não cozinho, eu falo direto: 'Olha, a gente passou a vida inteira sendo olhada torto. Bem-vinda. Não é bom para ninguém. Mas sabe? A mina negra está te olhando torto porque você está ocupando um espaço que não é seu. Você tem que conquistar esse espaço, a gente fez isso a vida toda.'"

Além disso, entra também as questões do colorismo e das ideologias de "embranquecimento" e "enegrecimento". "Tiram você mesma de você, do mesmo jeito que tiram o samba." Maíra se lembra que quando adolescente não gostava do samba e não gostava de estar associada a ele. Ela não se considerava parte daquilo, mas passou a abraçá-lo com o tempo. Embora essa tenha sido sua realidade, outras pessoas podem estar em um limiar diferente.

"Raça é uma coisa que é ideológica. É louco porque eu sempre soube que eu era negra, mas das 'coisas negras' eu fui me desfazendo. As heranças, os símbolos, a negritude. Em um determinado momento eu falei 'espera, essas coisas são minhas'. Quando é a pele, é outra treta. Eu não posso dizer que sou branca, mas tem algumas pessoas que estão bem no meio do colorismo. Eu sempre fui negra, mas tem gente que está em lugar que alisa um pouco o cabelo, afina o nariz. [...] As portas se abrem mas uma hora vão fechar porque a sociedade sabe quem é branco e quem é negro. A gente vive em um mito da democracia racial que é perverso. E ele quer comprar as pessoas."

eu não vim só sambar

E agora com vocês, Mestra Sivuca

Domingo à noite e um carnaval no meio de agosto. Quem passava pela Rua Cláudio Soares, no bairro de Pinheiros, poderia ficar curioso pelo som que chegava na rua vindo de dentro da casa de samba Traço de União. Era lá que o bloco Me Lembra Que Eu Vou comemorava três anos de existência em uma festa com muita música, dança e cor. O evento que começou no fim da tarde já estava lotado por volta das 20h, em que público e banda se misturavam no meio do salão. Os integrantes do bloco, uniformizados, andavam no meio de seus espectadores enquanto o show não começava. O espaço é grande, inteiramente decorado e dedicado ao samba. Com estilo mais moderno, um painel exposto na parede imitava lousa e giz informando o cardápio da casa, com frases bem humoradas e tipografia refinada a fim de descontrair os clientes. Drinks com nomes em referência à música e abreviações informais de comidas tornavam o ambiente ainda mais íntimo. Ao fundo, as mesas e cadeiras dispostas estavam todas ocupadas, seja por casais ou grandes grupos de amigos. Próxima à parede, um tipo de arquibancada estava disposta para o

E agora com vocês, Mestre Sivuca

resto dos espectadores que subiam alguns degraus para ver o show de cima. Uma casa de show, mas também um bar e um restaurante. A gastronomia, e principalmente a música, acolhiam muito bem todo o público, visivelmente confortável.

E ao comando da mestre Sivuca, o Traço de União se encheu dos ritmos mais fortes do carnaval da Bahia e do samba. O bloco é composto por homens e mulheres, a grande maioria adultos mas também com alguns jovens. A primeira fileira de timbal já anunciava o que viria em diante: presença marcante do ritmo baiano durante todo o show. Tamborins, chocalhos, caixas e mais ao fundo os surdos compunham os instrumentos. No palco, uma pequena banda dava base para as músicas tocadas com um teclado, um cavaquinho e uma guitarra. Os vocalistas se alternavam entre as músicas e entoavam clássicos do axé e do samba enquanto a Mestre se concentrava em orquestrar toda a percussão com a Bateria Colorida. Com um apito e sinais nas mãos, todos os olhos se voltavam para ela enquanto obedeciam suas ordens. Seu olhar era fixo e exigente, mas o sorriso no rosto e a dança discreta com os pés davam a leveza necessária para seguir com a apresentação.

Entre um set e outro, ela aproveitava para fazer um agradecimento no microfone ou um breve discurso enaltecendo aqueles que escolheram fazer música e tornaram tudo aquilo possível. "A música é algo que eu respeito muito, o palco é uma parada que me deixa muito feliz. O que eu faço aqui é uma missão, começar do zero e levar pra frente. Música é amor, transforma a vida das pessoas."

Antes do início do ensaio, a maioria dos integrantes da Bateria Colorida já estava no Centro Cultural Rio Verde afinando seus instrumentos. Sivuca, a Silvanny Rodriguez, ou simplesmente Sil, está sempre cercada. No meio de uma conversa, mal pode terminar um assunto e já emenda com a pessoa seguinte que se aproxima, interrompendo o fluxo, porém dando o máximo de atenção possível a todos. Ela tinha acabado de voltar de Belo Horizonte, onde participou da mega cerimônia de abertura de um campeonato nacional de jo-

gos virtuais. Realmente, apresentar-se com música eletrônica para um público nerd não faz nem um pouco o seu estilo e nunca esteve em seus planos. Lá no palco, ela tocava uma bateria personalizada, feita especialmente para aquele evento, que acendia luzes de LED ao toque das baquetas e criavam um visual um tanto quanto futurista. E apesar de ter passado a semana inteira dedicando-se 12 horas por dia para aquele final de semana, Sivuca não demonstra nenhum sinal de cansaço ao iniciar o trabalho no começo da noite com os músicos amadores no bloco Me Lembra Que Eu Vou. Pelo contrário, o que não falta perto dela é energia.

Sivuca é baterista, percussionista, professora, regente, musicista, sambista, paulista, mulher, negra. Não é muito alta e os dreads no seu cabelo se prolongam até a cintura. Com um estilo despojado, está vestindo uma camiseta mais larga, calça com a barra dobrada e tênis branco. Faz um calor inapropriado para o início de setembro, mas a sala arejada torna o ambiente bastante confortável. Aos 36 anos de idade, ela já viajou pelo mundo aprendendo e ensinando música. Na Bahia e na Inglaterra, na Zona Sul de São Paulo ou no interior, há um pouco de sua história por qualquer canto que esteve. Por 18 anos, de 1994 a 2012, fez parte da escola de samba Mocidade Alegre. Além de tocar tamborim, foi a responsável por introduzir uma ala de timbal na bateria, sendo a primeira de São Paulo a ter o instrumento nas avenidas, o que logo foi implementado por outras escolas. Hoje é baterista do rapper Emicida, além de comandar blocos de Carnaval e reger a Banda Alana, um trabalho cultural voltado para a formação cultural de crianças e adolescentes.

Como toda mulher no meio do samba, sua história foi construída com a necessidade de lutar contra o machismo que percorre todos os lugares, ambientes, profissões e processos. Aconteceu no início de sua carreira, quando foi estudar música na Bahia, e acontece atualmente, quando é questionada por seu conhecimento ao ser jurada em um evento de baterias universitárias ou sendo atacada em redes sociais.

Crescida em uma família apaixonada por samba-rock, Silvanny Rodri-

guez sempre teve contato com a música. Com 9 anos de idade, batucava nas panelas de sua mãe, já que nem seu pai ou sua mãe sabiam tocar instrumentos, apenas dançavam ao som animado dentro de sua casa. Foi o namorado da irmã, que já fazia samba, que despertou seu interesse pela percussão. Uma menina tão nova no meio dos homens que tocavam todo final de semana em Lorena, na casa do interior, ou em São Paulo, não foi levada a sério. Mas persistente, ela treinava durante a semana e insistia pra ser notada aos sábados nos encontros familiares. Até que um dia, um dos integrantes não estava presente, e Sil viu aí a oportunidade para finalmente participar da roda – imediatamente foi chorar pro pai pedindo ajuda para que a deixassem tocar. Foi assim que tocou pela primeira vez em um pandeiro, e impressionou os meninos ao demonstrar técnica quando ninguém a tinha visto com um instrumento nas mãos. Um tempo depois, pediu pra entrar em aulas de bateria, pois ficava admirada assistindo a apresentações de bandas como Legião Urbana e Guns N’ Roses. Mais um estilo que não seria o seu preferido, mas que a fez ir atrás do sonho de se tornar baterista.

Foi na escola Drum, no bairro do Brooklin, que Sivuca passou muitos anos de sua vida, aprendendo sobre música e sobre personalidade com seu instrutor Flávio Pimenta. No começo do aprendizado, ainda sem dinheiro, ensaiava mesmo no sofá e nas cadeiras de sua sala. O pandeiro acabou sendo o primeiro instrumento que ganhou de sua mãe, e podia finalmente praticar em algo de verdade.

Com a escola veio o primeiro projeto social, o que se tornou seu primeiro emprego, ainda com 15 anos. A oportunidade partiu de uma colaboração do professor, quando ele a convidou para ajudá-lo a desenvolver o que seria o Meninos do Morumbi, um grupo musical para crianças. A associação, que surgiu em 1996, é hoje um grupo artístico internacionalmente conhecido, que obteve enorme sucesso no início dos anos 2000 e rendeu até parcerias com grandes nomes da música. Isso tudo começou com Sivuca sendo o braço direito do idealizador, auxiliando no que ele precisasse quando o endereço

ainda era a casa de Flávio.

A independência para tocar os instrumentos com as duas mãos começou logo cedo. Foi nessa época, e por esse motivo, que recebeu seu apelido, em referência ao sanfoneiro Sivuca. Enquanto os alunos da escola Drum ou do projeto Meninos do Morumbi ainda estavam aprendendo alguma técnica, a percussionista dedicava-se em praticar tudo com a mão esquerda para dificultar seu aprendizado, já que é destra, e aproveitava assim para se diferenciar do resto dos alunos.

O projeto social abriu diversas portas para Sivuca, tanto para adquirir técnicas quanto para desenvolver uma postura profissional. O professor Flávio Pimenta a levou para o mundo em workshops e apresentações, o que a fez amadurecer muito rapidamente, além de obter contatos e conhecer lugares. Lugares que fariam parte de seu futuro dali a alguns anos. Próxima dos 18 anos de idade, após um bom tempo na escola Drum, Sivuca decidiu se profissionalizar. Formou-se na Oficina de Linguagem Musical e também em música e licenciatura pela FAAM.

Com isso feito, chegou uma hora, enfim, que sentiu que deveria sair definitivamente do Brasil. Partiu para Manchester, na Inglaterra, onde tinha lugar para morar e escola para trabalhar: “Em 2004 eu decidi ir embora do Brasil, vendi todos meus instrumentos, não quis mais saber de ficar aqui. Sabia que não ia mais voltar e fui.”, relembra.

Tendo o sonho e a oportunidade de fazer coisas muito mais interessantes lá fora, a ideia era nem voltar mesmo. Mas não foi bem assim. A saudade da família fez com que a experiência no exterior durasse dois anos, e logo estava de volta a São Paulo. Por apenas dois dias. Foi o tempo que levou para pesquisar e decidir que queria morar em Salvador para começar a aprender música baiana com os maiores nomes da percussão. Na Bahia, Sivuca se viu no meio de pessoas que foram uma inspiração para aprender sobre música baiana e tambor de mão antes mesmo de conhecê-las. Nesse período, também participou da Banda Didá, um bloco afro só de mulheres criado em oposição

aos grupos que não as aceitavam.

Com os novos contatos, surgiu a indicação de um teste para tocar em um grupo que estava sendo formado naquele ano. O encontro entre Sivuca e o homem responsável pela banda, no entanto, foi agressivamente machista. Ela reproduz o discurso com a mesma entonação grosseira feita no dia do teste: “E você vai aguentar tocar? Você é mulher, mulher não toca aqui.” Sem dar a menor importância para os diplomas e o currículo que ela carregava em mãos, desrespeitando sua carreira e seu passado, o empresário a desqualificou simplesmente por ser mulher, sem ao menos perguntar seu nome. “Você me traz essa menina aí? Eu quero um homem, eu quero braço, a força.”, ela ouviu enquanto aguardava na sala ao lado após ser praticamente expulsa do teste. Momentos após a reunião, Sivuca e seus amigos viram alguns instrumentos à disposição e foram batucar enquanto esperavam para ir embora. O mesmo empresário que alguns minutos atrás havia descarregado tantas ofensas e agressões ouviu o som e tentou atrair Sivuca novamente pro seu projeto:

– Não é que a menina toca mesmo? Passe no meu escritório.

“Você iria? Eu não fui”, conta hoje, sentada no banco de pernas cruzadas, enquanto esperava o início da oficina.

Esse não foi o único cenário machista que teve que enfrentar, apesar de ter sido um dos mais marcantes. Recentemente, ela também foi atacada em redes sociais por um ex-colega de trabalho que decidiu culpá-la por uma demissão. No caso, o agressor a xingou sem mencionar seu nome, explicando em uma postagem que uma “suposta mulher” havia feito uma conspiração para tirá-lo do evento que participaram, assumindo assim o seu emprego. A história real, explicada por Sivuca, era que o homem foi afastado por superiores após agir em desacordo com os interesses da agência. “Lembro como se fosse ontem, eu tava descendo a Rebouças, entrei no estacionamento da Henrique Schaumann no McDonald’s, pedi uma coca-cola, sentei e liguei pra minha namorada e contei o que tava acontecendo”. Sivuca muda a postura sutilmente e recria o diálogo:

eu não vim só sambar

– Pois bem, você vai escrever um texto e vai colocar o print no Facebook e no Instagram.

Aí eu fiz um mega texto, desejando muita luz pro cara, e dizendo “Essa mulher sou eu”.

O machismo foi ainda replicado nos comentários do texto feito pelo ex-colega, muitos sem nem saber de quem se tratava. Sivuca fez a sua resposta, deixou exposta 24 horas na mesma rede social e apagou no dia seguinte para encerrar o assunto e não envolver a agência que a contratou. O tempo foi suficiente para atingir 150 compartilhamentos e centenas de comentários apoiando sua resposta. Nos dias atuais, o machismo está escondido até mesmo atrás das telas de um computador. A denúncia e a exposição dos agressores continua sendo de extrema importância. “Eu não podia ficar calada, o cara tá sendo um puta de um machista, porque se fosse um cara duvido que ele escreveria o que escreveu. E eu vou ficar quieta? Quem cala consente. A gente tem que falar, tem que dar a cara pra bater, tem que se expor, porque senão vai continuar a mesma bosta.”

Toda mulher passa por situações parecidas como as dos relatos vivenciados por Sivuca, diariamente. Dentro da música, não importa o quanto tenha estudado ou quantas experiências tenha na bagagem, a mulher é vista como a pessoa fraca que está entrando no lugar errado. Os movimentos sociais crescem a cada dia para barrar o machismo enraizado no nosso país, e com isso temos o fortalecimento feminino dentro do cenário musical. Grupos de samba feitos só de mulheres são muito mais do que uma manifestação artística, são a resistência ganhando voz.

Assim como as lutas de gênero, as demandas voltadas para questões raciais também ganham cada vez mais espaço e vozes. No período em que morou em Salvador, Sivuca conheceu um grupo exclusivo para pessoas negras e entrou em contato com o fundador do bloco, o Vovô do Ilê, para entender mais sobre essa resistência. “Ilê Aiyê é um grupo afro de Salvador que não aceita pessoas brancas. Quando eles fizeram o grupo, lá do bairro do Curuzu,

E agora com vocês, Mestre Sivuca

que tem o maior número de pessoas negras em Salvador, eles criaram o bloco deles para que os negros se valorizassem e vissem, se inspirassem em outros negros, gostassem de se ver, se apaixonar. E não que buscasse inspiração em outras pessoas. Quando você fala de um grupo só pra mulheres, eu acho importante também, para que essas mulheres se fortaleçam, cresçam, se inspirem. Eu fiz um grupo de mulheres de samba porque eu acho importante mostrar que a mulher tem poder.”

Mesmo assim, a dificuldade em estabelecer um grupo integralmente feminino é muito grande. Existe muito interesse em tornar isso real e cada vez mais forte, e o lado empresarial de Sivuca busca oferecer um produto com a melhor qualidade possível – nesse caso, talento de sobra e postura exemplar. É triste, ela diz, que ainda tenham mulheres percussionistas com o mesmo pensamento machista dos homens, o que impede a total união feminina.

A previsão, apesar de todos os empecilhos, é otimista para Sivuca. É uma questão de trabalhar um dia após o outro, olhando pra trás e percebendo quantas mudanças foram feitas até então. Ela não nega as barreiras existentes, e atua ao lado de tantas outras mulheres para que isso possa eventualmente ser erradicado.

“Eu odeio quando falam ‘você toca melhor que muito homem’. Meu, toco igual uma mulher, igual um cara, eu toco, não tem gênero, não é feminino ou masculino. Eu acho que a gente tá um pouquinho longe de que isso acabe, mas a gente já deu grandes passos nesse tempo que eu estou na caminhada da música. Já demos muitos passos.”

Com a Bateria Colorida toda posicionada, Sivuca e os alunos estão prontos pra mais um dia de trabalho e de samba. “Bora pro choque” é o bordão que ela repete praticamente todos os dias e usa mais uma vez para iniciar o ensaio. Uma sequência de salsa, afoxé, samba reggae e ijexá é improvisada colorindo o salão de som. Assim, ela avança alguns passos contra o machismo ao assumir a liderança, com a força feminina e o dom para a música se encontrando no seu trabalho.

eu não vim só sambar

Entre rodas e escolas

“Às vezes, quando eu ia ensaiar, via algumas meninas e mulheres que me viam e abriam um sorriso, faziam gestos de força, de comemoração. Isso era um super presente. Eu sempre procuro ver essas mulheres assistindo, presto mesmo muita atenção na reação delas e é super bacana porque existe um reconhecimento. Estamos em um número muito pequeno nesses espaços.” Em uma longa conversa por telefone sobre ensaios de escola de samba e farras da época da faculdade, Verônica Borges, de 32 anos, conta como é a realidade das mulheres na bateria da escola de samba Nenê de Vila Matilde, uma das mais tradicionais de São Paulo, onde toca e desfila desde 2007.

Além de trabalhar como pesquisadora de mercado, Verônica é percussionista e ritmista de escolas de samba e blocos de carnaval em São Paulo e surdista em rodas de samba. Ela é socióloga e antropóloga formada na Universidade Estadual de Campinas, mas lá descobriu mesmo foi a paixão pelos instrumentos de percussão. Verônica teve seu primeiro contato com o samba em uma oficina de batucada promovida pelo Instituto de Arte da Unicamp

em 2006, seu último ano de graduação. Apesar de conhecer algumas pessoas que tocavam na bateria universitária, a Bateria Alcalina, e de frequentar as festas, ela nunca havia participado ativamente das apresentações. Na semana seguinte, ela já estava tocando com um grupo depois de aprender a tocar caixa. “Peguei um instrumento naquele dia e nos dias seguintes, outros. Na semana seguinte comecei a ensaiar com o grupo tocando caixa. Também toquei surdo de terceira e acabei circulando por outros os instrumentos. Entrei e quis aprender tudo que dava, então acabei virando um ‘curinga’ ao longo do tempo.”

O samba nem sempre foi uma constante. “O interesse pelo samba aconteceu. Não tive muitas referências na infância. Minha família nunca foi de samba, mas por sorte, tínhamos alguns LPs e CDs da Dona Ivone Lara e da Leci Brandão em casa.” No entanto, hoje, sua participação em baterias de blocos de Carnaval, que começaram logo no período da faculdade, e de escolas de samba, que vieram um tempo depois, é mais do que apenas um hobby. “Não tenho graduação, nunca estudei em conservatório. Não sou musicista formal, apesar de ter feito cursos livres, aulas particulares e oficinas. Mas música é prática também, né? Gostar de tocar aconteceu e aconteceu mesmo, pois a partir disso minha vida mudou completamente de direção.”

Verônica nasceu em São Paulo e foi morar em Campinas assim que passou na universidade. No bairro de Barão Geraldo, onde fica o campus principal e a maioria dos alunos que vêm de outras cidades moram, acontece em todo Carnaval o Bloco União Altaneira, com a concentração próxima à Moradia da Unicamp. Em 2007, Verônica entrou para a bateria do bloco, que apesar de ser aberta para o público e não ter relação com as faculdades atualmente, é composta por muitos estudantes. “É um bloco independente, aberto, livre, pela ocupação do espaço público e pela cultura popular mesmo. Mas ele nasceu dentro da Unicamp, uma iniciativa da Alcalina e outros grupos.” No mesmo ano que entrou para o bloco campinense, Verônica desfilou pela primeira vez na Nenê de Vila Matilde, escola da zona leste de São Paulo, e em uma outra

escola da zona norte, a Tradição Albertinense. Até ela se impressiona como tudo aconteceu tão rápido. “Comecei com tudo mesmo. Em poucos meses já fiz várias atividades.”

Em 2009, Verônica voltou de vez para a cidade natal, tendo que deixar aquele período de samba intenso para trás. No entanto, o ano seguinte foi o ano das rodas de samba femininas. “Comecei nas rodas através do Grupo Sambadela, um grupo formado majoritariamente por mulheres. Eu já conhecia o início do grupo, as meninas, por conta da batucada.” A bateria de Campinas, de acordo com Verônica, é “irmã” da Bateria Destemida do Forte do Bloco Unidos Venceremos, de São Paulo. Isso fez com que ela conhecesse muitas pessoas ligadas às batucadas carnavalescas da região, criando alguns contatos.

Nessa época, Verônica ingressou na bateria do bloco, que desfila anualmente no bairro da Pompeia, assim como as outras meninas do grupo – e foi assim que se conheceram e decidiram formar uma roda de samba. “Conseguimos reunir o grupo em oito integrantes, sete mulheres e um homem, que tocava violão. Queríamos uma menina, mas não conseguimos encontrar alguma que pudesse naquela época. Pegamos nosso caderninho com possíveis integrantes, amigos músicos, para ver quem topava e esse cara topou e está até hoje no grupo.”

A formação do grupo com Verônica, porém, durou até o começo do ano passado. “Faz um ano que não estou mais no Sambadela. Ainda continua sendo uma grande família, não é que a gente “sai”, a gente pede licença, sabe? Ao longo desse caminho, porém, a gente tocou em bares, praças, em eventos com temática feminista ou uma programação voltada para mulheres e ocupação do espaço público. Tocamos com grupos de amigos também. Foi um grupo com bastante atividade sempre. Depois de sete anos de grupo, a vida de cada uma muda – alguém viaja, tem filho, se casa, tem outros compromissos. Até eu mesma, que comecei a tocar em vários grupos. Dessa forma, entrou e saiu gente. Foi rolando uma adaptação pro grupo continuar, curtir e fazer a roda de samba.”

A roda de samba foi um espaço de muito aprendizado e fortalecimento da militância feminista para ela. Não é à toa que Verônica, assim como muitas das outras personagens, frequenta o Samba da Elis, no Butantã, sempre que pode. Quando uma mulher toma partido e ocupa um espaço amplamente masculino, a ideia se estabelece e estimula outras mulheres. “A roda de samba, a partir do momento que uma mulher pega um instrumento e tenta entrar, já é um movimento de muita afirmação. Um movimento com muita disposição. Conseguir entrar na roda e batalhar, se manter na roda, criar uma roda só com mulheres, mais ainda. Felizmente, sempre vai ter nomes de mulheres na história que ocuparam espaços majoritariamente masculinos, ou seja, lugares que se tem toda uma barreira, uma série de dificuldades ou para entrar ou para se manter.”

Nas escolas de samba, o processo de resistência é o mesmo. Quando Verônica chegou da Nenê de Vila Matilde, ela tocava agogô de quatro bocas. No ano seguinte, ela pediu para tocar caixa – um instrumento pesado de percussão, um dos mais importantes na composição da batucada. Foi aí que ela ouviu um não. “Não, não pode. Você sabe. A gente não pode deixar mulher tocar”, imitou. Somente em 2012, quatro anos depois da bronca, que ela conseguiu desfilar com a caixa – foi a primeira mulher da bateria a tocar entre os instrumentos pesados (caixa, surdo e repinique). Naquele ano, outras mulheres já tocavam caixa em outras escolas, mas ainda eram poucas. “Na Nenê, até hoje, não tem nenhuma mulher tocando surdo. Na caixa e no repinique tem, mas ainda super pouco. Entre 40, 50 pessoas, umas duas ou três mulheres.”

A participação feminina é muito maior entre os instrumentos leves, que fazem o “molho”, segundo ela. Na bateria tem surdo, repinique, caixa, tamborim, chocalho, agogô e cuíca. No desfile de Carnaval, a escola sai com pelo menos 100 pessoas nos instrumentos pesados. Entre elas, apenas quatro são mulheres. “Só que aí no chocalho e no agogô, você tem um naipe praticamente inteiro feminino. Nos tamborins tem bem menos, chega a metade. E na cuíca também, poucas mulheres, mas é um naipe bem menor – sai umas

dez cuícas, talvez. E ainda tem toda essa hierarquia dos instrumentos porque tendem a colocar mulheres em instrumentos leves. Mesmo em bateria que tem mais mulher, em número, às vezes a distribuição entre os instrumentos é dessa mesma forma. Você não encontra uma bateria que tem mais mulher tocando surdo, isso quando você encontra mulher tocando surdo. Hoje em dia, até tem mais, mas mesmo assim, ainda é pouco, ainda é muita pressão.”

“Não pode”, “você não vai aguentar, é muito pesado” ou “você é delicada demais para isso” são as frases que as mulheres das baterias mais ouvem dos homens que as comandam. Existe, como apontou Verônica, toda uma desmotivação desde o começo, desde a escolha do instrumento inicial. Não é necessariamente algo explícito, mas existe. Verônica explica que só conseguiu tocar o instrumento que sempre quis depois de muito insistência, depois de provar repetidas vezes sua capacidade. “Eu pegava a caixa nos intervalos do samba-enredo, quando era só a parte do canto mesmo, que a quadra inteira só cantava e as baterias faziam uma pausa pra tomar uma água, eu pegava uma caixa de um amigo e ficava tocando. Passava despercebido, mas às vezes alguém passava, colocava a orelha na caixa e fazia uma cara de espanto: ‘Nossa, não acredito. Ela tá tocando. A batida tá certinha.’ Então eu já enfrentei muito esses olhares de julgamento.”

Essa necessidade constante de provar-se capaz para alcançar os objetivos é algo que os homens, mesmo os novatos, não enfrentam da mesma forma. Não existe um ambiente convidativo para que as mulheres participem e se sintam integradas. “Os homens são muito agressivos entre eles, muitas vezes intolerantes. Não é uma relação tranquila. Tem todo um lance de território, rola uma provação. Só que é diferente porque o homem tem a possibilidade de ser aceito ou não. Já com as mulheres existe um afastamento delas mesmas pelo fato de ter pouca ou nenhuma mulher. Geralmente, a mulher é uma cantora, não tá tocando um instrumento. Não tá tocando um pandeiro, um surdo, um violão. Ela tá tocando um chocalho, tá ali de canto meio tímida, tocando um agogô baixinho.”

Quando um homem toca mal, ele é afastado. Enquanto isso, a mulher tem que tocar melhor do que todos os homens para conseguir se manter. Apesar disso, a pior experiência de Verônica dentro do samba foi em uma roda aberta, quando o Sambadela ainda não tinha começado: enquanto ela tocava, um cara se aproximou e tirou a baqueta de sua mão. Para ela, esse ato foi o mais marcante. “Tiveram que interferir, tirar o cara da roda, enfim. Eu achei isso o mais absurdo de tudo porque o resto eram apenas olhares, um machismo velado. O pessoal não fica de boa, parece que ficam esperando você errar. Ficam querendo comprovar que você não vai dar conta. Se ela toca mal, mas é claro, né? Era isso que a gente tava esperando. Hoje, eu vejo sinais de melhora. Felizmente, já vejo cenas bem mais interessantes, que dão mais esperança na vida. Eu mesma acabei criando também meu espaço nesse meio, né?”

No entanto, Verônica admite que esse pensamento pode ser um pouco perigoso. Ela toca há pouco mais de 10 anos e, portanto, já tem certa estabilidade, conhece muitas pessoas do ramo, diferente de outras mulheres que estão começando. “Eu sempre tenho que lembrar como é difícil porque a gente começa a entrar numa bolha onde conhece um monte de mulher ‘da hora’ que toca, que luta por isso e a gente acha que é um monte. E ainda não é, ainda existem espaços super fechados, machistas. Não está essa beleza toda ainda.”

A Nenê é uma escola de samba bastante tradicional, onde é bem forte a questão racial e cultural do samba – o que foi algo positivo para Verônica, que também é negra. “É um espaço em que a negritude reina. É o nosso espaço, da galera que nasceu e cresceu ali, sempre fez samba, muita gente morreu pra gente ter samba hoje sabe?”, disse Verônica, que também reflete sobre sua vivência, que foi bastante diferente da maioria das mulheres periféricas. “Eu sou uma mulher negra, mas não sou periférica, sempre morei mais próxima do centro. Não passei por essa rotina que passa a mulher negra periférica, que está no último degrau de toda a hierarquia social. Essa questão socioeconômica me salvou de outras questões ao longo da vida, tanto é que

eu não vim só sambar

cheguei numa escola de samba através da universidade. Nesse ambiente, ser uma mulher negra ‘facilitou’ minhas relações porque eu falava com pessoas que eram iguais a mim [em questões associadas ao racismo]. Algumas amigas minhas brancas enfrentaram alguns olhares. Mas é aquilo. É ruim? Claro, qualquer olhar julgador é horrível. Mas no ambiente do samba, esse olhar só quer demarcar um espaço.”

Há uma distinção bastante clara, demarcada por Verônica, entre a negritude e o racismo: a negritude permite que Verônica se integre de maneira mais orgânica nas rodas de samba e nas baterias, uma vez que sabia que estava ocupando um espaço que historicamente a pertence. Por outro lado, o racismo – aliado ao machismo – faz com que seja frequentemente confundida com uma passista, e não reconhecida como uma ritmista e, portanto, a impede de ocupar alguns lugares também.

Mulheres que fazem escola

No Grupo Especial das escolas de samba do Carnaval de São Paulo, três mulheres tomam conta do poder administrativo de suas escolas: Luciana Silva, da Tom Maior, Angelina Basílio, da Rosas de Ouro, e Solange Cruz, da Mocidade Alegre – e as duas últimas são expoentes com quem tivemos o prazer de conversar. Hoje, a palavra dessas mulheres tem peso dentro da liga, mas esse respeito teve de ser conquistado. Apesar de terem crescido no samba, elas precisaram provar, até mesmo dentro de suas escolas, que sabem do que estão falando.

Angelina Basílio formou-se em uma escola de samba. Sendo filha de um dos fundadores da Sociedade Rosas de Ouro, que compõe a Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo, é de se esperar que tenha criado vínculos profundos com o samba desde berço. Desde a fundação, em 1971, na Vila Brasilândia, a escola era presidida pelo advogado Eduardo Basílio. Quando ele morreu, em 2003, Angelina assumiu a presidência da Roseira – como a escola é conhecida pelos mais chegados.

No começo, mesmo habituada à rotina administrativa – ela já havia sido porta-bandeira, destaque, diretora de ala, diretora dos desfiles de Carnaval e vice-presidente – não foi fácil para a mulher, que hoje tem anos de idade e de samba na criação. Seu pai era tido como um visionário, um homem que sabia cuidar dos negócios do Carnaval como ninguém, mas sem deixar de ter o amor pelo samba como raiz. Quando ele se foi, junto com a dor da perda, Angelina teve de enfrentar o machismo.

“Uma mulher em um cargo de ouro tem que provar que consegue e ainda tem que fazer três vezes mais. O preconceito vai existir, não é fácil”, disse ela enquanto o maquiador a preparava para a festa de aniversário da escola, que completa 46 anos de existência em 2017. Além disso, naquela época, a escola passava por uma crise administrativa e Angelina teve de segurar as pontas em meio ao preconceito que sofria apenas por ser mulher. “Eu sofri preconceito. Cheguei a ouvir de outras pessoas que eu ia acabar com o nosso carnaval!”

Para a presidente da Roseira, o carnaval de São Paulo continua um ambiente muito masculino e competitivo para as mulheres. No entanto, no seu ponto de vista, são elas que administram e se relacionam melhor, têm um olhar mais reflexivo e a capacidade de ser multitarefa. “As mulheres sempre participam de tudo, conseguem fazer várias coisas ao mesmo tempo e pensar nos detalhes, diferente dos homens. São mães, são filhas...”

Hoje, Angelina já conta 15 anos como presidente e 45 anos de história da Rosas de Ouro. Seja no alto-escalão ou nas chefias menores, quem trabalha em prol da escola sabe e precisa saber que a mulher tem uma grande importância para o samba na cidade, seja no cotidiano da escola ou na correria da organização e preparativos do desfile de Carnaval. “Não é à toa que ficamos conhecidos como a escola das sete mulheres.”

Vanessa Dias é um grande exemplo dessa força: há 14 anos, ela é diretora social e coordenadora da ala inclusiva da escola, parte do projeto social da Rosas de Ouro “Samba se aprende na escola”, que existe desde 1995 e aten-

de pessoas, inclusive crianças, com deficiência física e intelectual – em 2018, cujo samba-enredo homenageará os caminhoneiros do país, a ala inclusiva da escola chegará ao seu décimo desfile.

Além disso, a escola promove cursos de cabeleireiro, manicure e maquiagem para as mulheres da comunidade que se encontram fora do mercado de trabalho e, desde 2016, uma ala só para passistas “plus size”, mulheres que estão acima do peso e que tendem a ficar de fora da ala das musas das escolas de samba. A gordofobia é outro tema suscetível à discussão dentro do cenário do samba e dos desfiles de Carnaval, uma vez que mulheres que se encaixam no padrão de beleza, que valoriza o corpo magro, são preferidas.

A presidente da Mocidade Alegre – escola vizinha, localizada no bairro do Limão – Solange Cruz, tem uma história muito parecida com a de Angelina. Ela assumiu a presidência da escola, também em 2003, depois da renúncia de sua irmã, Elaine Cruz, que decidiu se afastar do cargo por problemas de saúde. O fundador da escola, também conhecida como a “Morada do Samba” em São Paulo, por outro lado, foi seu tio, Juarez da Cruz. Porém, sua gestão foi tão chocante quanto a da colega da Roseira. Ela assumiu um posto de “dama de ferro”, como foi apelidada por alguns, e mostrou que as ações de uma mulher não são regidas pelos estereótipos da feminilidade. Determinada e objetiva, ela provocou mudanças em diversos departamentos da escola, que estava em crise financeira, dando sempre valor aos detalhes que “os homens geralmente deixam de lado”.

Solange não enfrentou os mesmos problemas que Angelina, em relação ao machismo, pelo fato de sua irmã já ter sido presidente da escola anteriormente. Na verdade, depois da gestão das duas, o respeito às diversidades, a erradicação do uso de drogas dentro da agremiação e o apoio a um ambiente mais familiar, permitindo a presença de crianças e adolescentes, por exemplo, melhorou muito. Dessa forma, não teve muitas críticas em relação a gestão das irmãs e quem não gostou, se afastou. Não é só a visão empresarial, existe uma atenção maior.

“Se não for pra arrasar, nem venha” é o bordão de Solange. E isso pode ser visto na forma como ela valoriza os jovens da comunidade, que abraçam a escola e se mostram presentes. O que faz a escola acontecer e ter força para o carnaval, segundo a presidente, é essa participação e motivação. “Não basta ser só torcedor, tem que estar disponível.” Afinal, criar um carnaval não é só um mar de rosas. Sendo assim, Solange considera-se uma líder que valoriza o trabalho em equipe, o que tem dado bons resultados – são 14 anos de sua gestão e seis campeonatos. Só ficaram de fora do desfile das campeãs duas vezes – uma vez quando um carro alegórico quebrou e outra vez, no carnaval de 2017, quando um jurado considerou o samba-enredo “não era condizente com a sinopse do tema”. Mas isso não significa que a escola não tenha tido suas estruturas abaladas. Na gestão de Solange, em janeiro de 2012, houve um incêndio no barracão da Mocidade – que ficava embaixo de um viaduto que, inclusive, chegou a ficar interditado por cerca de 10 meses. Enquanto todos choravam e achavam que o carnaval daquele ano havia acabado, Solange conseguiu lidar com a situação, mobilizar as lideranças e reconstruir tudo do zero, deixando o pessimismo de lado. E de novo, no ano seguinte, houve um novo incêndio na sede administrativa, ainda mais destruidor. Toda a equipe da diretoria teve de fazer uma força-tarefa para reorganizar a escola, desde a parte fiscal até a financeira.

Mas o Carnaval da Mocidade, liderado por Solange, ali não teve seu fim. Houve quem fizesse brincadeira. “Vamos fazer uma fogueira para ganhar o Carnaval!” por que os últimos campeonatos se deram depois dos incêndios. Católica fervorosa que é, devota de Nossa Senhora de Aparecida, ela ficou conhecida por levar seus terços na apuração das notas no Sambódromo. Tudo começou quando seu filho lhe deu um exemplar de presente em um Carnaval que a escola foi campeã. Desde então, a presidente ganha, e coleciona, a cada ano vários terços de fãs e amigos. Embora seja o candomblé a crença de fundação da Mocidade, Solange mantém a sua fé respeitando a tradição da escola e exigindo o respeito – os assentamentos e orixás permanecem na quadra

da escola desde sua inauguração e, durante sua gestão, Solange nomeou um diretor espiritual, que ajuda a manter as obrigações a que a escola é sujeita, o Pai Tinho.

Solange, apelidada em 2007 pelo tio fundador da escola como “a leoa do samba”, por causa de sua personalidade avassaladora e expressões muito fortes, dá muito importância para as relações que mantém com o público e com os colegas. A presidente da Acadêmicos do Salgueiro, uma das mais antigas e renomadas escolas de samba no Rio de Janeiro, é uma grande amiga sua, assim como Jorge Castanheira, presidente da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio (Liesa). Além disso, ela participa ativamente dos setores de produção e visita com frequência o Festival Folclórico de Parintins, no Amazonas, cujos participantes trabalham seis meses na Festa do Boi Bumbá e os outros seis meses na preparação para o Carnaval na Mocidade Alegre, valorizando também a troca cultural que esse contato permite. Atualmente, por causa dos incêndios e da crise econômica, a escola apoia apenas dois projetos, a escola de bateria, onde o ritmista aprende na própria casa, e o projeto da Associação de Mestres-Sala e Porta-Bandeiras e Estandartes (Amespbeesp), que ajuda a qualificar novos artistas da área.

Em 2018, o samba-enredo da escola será sobre Alcione Dias Nazaré – a cantora Alcione, a Marrom. Na década de 1970, depois do surgimento da bossa-nova e de estilos musicais puxados para o rock e o eletrônico, o samba tinha perdido um pouco de sua força, principalmente as características da cultura negra, e em seu projeto artístico Alcione resgatou essas raízes e as levaram, novamente, para o público-geral. A Mocidade é conhecida por abordar em seus enredos temas intimamente ligados às raízes culturais do samba e, para Solange e toda a equipe, Alcione, que não deixa o samba morrer, é exemplo dessa tradição.

Mulheres que fazem escola

eu não vim só sambar

Fabiana Cozza: figura de combate

Por trás de cada nota no samba há uma história, uma luta, uma experiência, uma vivência. Fazer parte disso é estar totalmente imerso em sua cultura, seus simbolismos e significados que vêm de suas origens. Nascida já em um berço embalado pelo ritmo do samba, Fabiana Cozza é uma das artistas do gênero de maior importância na atualidade. Filha do intérprete Oswaldo dos Santos da escola de samba Camisa Verde e Branco, as rodas e a quadra da escola eram rotina e o estima pelo gênero veio de família. “O acontecimento do samba é uma catarse”, diz a cantora entusiasmada na tentativa de pôr em palavras a grandiosidade que envolve as rodas de samba.

Os principais adjetivos que definem a figura de Fabiana são segurança e tranquilidade. Recém-chegada de uma viagem internacional, com a agenda cheia, dividindo o tempo entre a carreira artística e os estudos – que são, também, voltados para explorar o lado teórico da música – a artista comenta, logo ao chegar em um café no bairro de Perdizes, localizado na zona oeste de São Paulo, que sempre procura acomodar um espaço para encaixar entrevistas e

outras propostas que aparecem e se desculpa pela pressa com que terá que falar.

Mesmo sendo uma tarde cheia durante o intervalo entre as aulas do mestrado, a presença de Fabiana na mesa durante a conversa é tão imponente quanto nos palcos. Como a memória é um dos pilares do samba, logo de início ela relembra a influência de seu pai e de suas raízes para que entrasse no mundo da música. “Comecei pelo meu quintal [...] o samba é um gênero que tem muito pertencimento”, comenta. Hoje com 41 anos ela já dedicou metade da vida ao samba e possui seis álbuns gravados que lhe renderam reconhecimento e prestígio nesse meio, tornando-se, sobretudo para outras mulheres, uma figura que representativa de uma luta por direitos que há décadas vem sendo travada contra a dominância masculina na música. “Sempre fui uma figura muito combativa”, diz casualmente.

Esta, inclusive, que Fabiana reconhece ao pontuar que o samba é um ambiente machista e resistente à presença feminina – a cantora faz questão de enfatizar que para mulheres é ainda mais difícil ganhar uma posição de destaque nesse espaço, e que a exceção para isso é ter a aprovação ou a referência vindas de um homem para ter “passe-livre” na hora de circular. “A ausência de mulheres já é um reflexo [do machismo]”. Olhando o trabalho de qualquer nome do samba a falta de personagens femininas é alarmante: a maioria dos compositores e músicos são homens. Quando há mulheres são poucas – e sempre os mesmos nomes já firmados e reconhecidos nesses casos.

Vinte anos não são pouco tempo dentro desse cenário, mas Fabiana é otimista com as novas vozes que estão emergindo e clamando por seu espaço no samba. “[A nova geração] tem mais abertura, principalmente pela luta das próprias mulheres. Os coletivos estão mudando a nossa realidade e podemos aprender com eles”, ressalta ela sobre iniciativas femininas que, aos poucos, estão se destacando nesse território.

Quem olha de fora pode não perceber que estar dentro do universos das artes é um prisma – se, por um lado, viver de música e tocar as pessoas

é algo extremamente gratificante, por outro a indústria do entretenimento é cruel com quem se arrisca. Mesmo com “carta branca” por já vir de família ligada ao samba, Fabiana conta que já foi confrontada com tentativas do mercado de mudar seu estilo. Ela confessa que já foi procurada por uma grande gravadora, na qual foi indicada por outra artista já de renome no meio musical, mas que recusou a oferta, pois não vê seu trabalho como algo voltado para a mídia *mainstream*. “Queriam que eu fosse a próxima Clara Nunes”, explicou sobre a ocasião.

Convidada pelo projeto Alfabeto do Samba, uma iniciativa que homenageou grandes nomes do gênero através da história, Fabiana Cozza emprestou a voz para uma roda puxada pelas mulheres do Samba de Dandara. Se por um lado Fabiana já é admirada por artistas consagrados da grande mídia como Maria Bethânia, a cantora não deixa de se encantar a forma como é vista e aclamada pela nova leva de artistas – ou, utilizando o termo que ela mesma mencionou, a forma como é reverenciada por elas. “É do espírito do samba respeitar os mais velhos, isso é a cultura do samba”.

Na sua visão o samba é, literalmente, um espaço – e ela afirma que ele seja muito maior do que enxergamos à primeira vista. O samba é toda uma cultura e não se pode ignorar as origens desse movimento para entendê-lo como, não apenas música, mas uma voz de resistência que trabalha diretamente ligado à sociedade. Embora hoje o samba tenha penetrado em todas as esferas sociais, sua história remonta às comunidades marginalizadas e à cultura negra. Porém, muito disso foi apagado e esquecido ao longo do caminho. Vinda de uma família tradicional, Fabiana é enfática em defender a importância do gênero extrapolando as barreiras artísticas. “O problema é não reconhecer a expressão que vem da periferia [...] tudo que é de matriz negra ainda toma-se como folclore. O samba sofre da questão social”, explica sobre isso.

O impacto da mídia, para ela, foi fundamental na mudança de perspectiva da cultural que originalmente nasceu em espaços marginalizados

pela sociedade. Uma vez que as escolas de samba passaram a compor parte importante no calendário da indústria cultural, ela aponta que o interesse pela festa deixa de ser suas raízes e passa a ser a celebração. Saem as meninas que desde cedo estão na quadra das escolas e entram as atrizes que brilham para câmeras das redes de televisão. As emissoras, por sua vez, são as principais agentes na manutenção do samba, e principalmente do carnaval, como mais uma forma de se beneficiar às custas da cultura da periferia, mas sem, de fato, colocá-la no centro como era no passado.

Enfatizando a importância de olharmos para a música com mais sensibilidade e entender toda a bagagem que o gênero do samba carrega de geração para geração, com cantos que exaltam a celebração, mas também que expõem as dicotomias sociais que envolvem esse universo, Fabiana é esperançosa com o futuro do ritmo. Com grande apreço pelas iniciativas e coletivos que querem romper com os paradigmas arcaicos desse espaço ela comenta que “vamos caminhar mais para frente do que retroceder”.

Ainda que haja uma relação de estima e admiração pela velha-guarda, lugar que a deu apoio para dar seus primeiros passos para dentro do campo artístico há duas décadas, a cantora faz questão de ressaltar que “a cultura tem que se manter em movimento para continuar existindo”.

eu não vim só sambar

Leci Brandão: pela cultura e pelos direitos

“Aplausos pra quem é da educação e da cultura. Porque é assim, gente. A economia tem que ser próspera? Tem! O comércio, a indústria, tudo isso vai impulsionar o Brasil. Mas se você não comer, se você não estudar e se não tiver ninguém pra cuidar da sua saúde, você não vai ser absolutamente nada. Se você não tiver respeito pelo que você é – e eu to falando aqui das mulheres porque isso aqui é um samba de mulheres. Não tenho nada contra os homens e achei muito bom de encontrar um monte de menino aqui, um aplauso pra eles que estão aqui prestigiando vocês. A gente não pode ser radical, a gente não pode entender que um processo que só tem mulher, homem não possa participar para ajudar, cooperar. Senão fica difícil. Tem que ter a igualdade e eu entendo isso perfeitamente.”

Este foi o início do discurso de Leci Brandão no Samba da Elis do mês de setembro, na Praça Elis Regina no Butantã. A primeira mulher a entrar na ala de compositores da Escola de Samba Mangueira é hoje deputada estadual pelo PCdoB, eleita pela primeira vez em 2010 e cumprindo atualmente o

Leci Brandão: pela cultura e pelos direitos

seu segundo mandato. É na política que Leci luta a favor da igualdade racial, de políticas culturais e socioeducativas, refletindo o que sempre foi tema de suas composições na carreira musical. Assim como nos anos 70, quando era minoria no samba, hoje encontra-se trabalhando em condições parecidas de desigualdade de gênero. Dos 94 deputados da Assembléia Legislativa de São Paulo, apenas 10 são mulheres, das quais nem todas têm como objetivo as questões sociais que Leci abraça.

A maior dificuldade percebida pela deputada Leci Brandão no meio político está na falta de apoio do governo à cultura. Em sua posição parlamentar, ela sempre tentou apontar um orçamento de 2% para a cultura de São Paulo, mas diz que nunca conseguiu passar da casa de zero vírgula alguma coisa. Um incentivo financeiro maior seria o essencial para que os grupos de samba e tantos outros pudessem prosperar no meio urbano, difundindo o trabalho e trazendo assim mais igualdade social. Mas, no cenário atual, os coletivos como o Samba da Elis precisam começar sozinhos, lutando contra as imposições do governo, sem falar na questão de desigualdade de gênero.

“Eu acho que o que tá valendo nesse momento é elas [Samba da Elis] serem referência aí de outros grupos, estarem ali sustentando esse samba na praça, de graça, mulheres tocando todo mês. E mantendo, porque eu acho que a questão da resistência é fundamental. Do jeito que o Brasil tá, tudo que você faz de bom, tudo que você construiu, as pessoas estão desmontando, estão destruindo, estão exterminando a cultura de um modo geral”, diz Leci Brandão a respeito das lutas atuais da mulher sambista. O surgimento de um grupo como esse, de forma natural e com tanta qualidade, não pode deixar de ser incentivado, segundo a deputada, mostrando para todas pessoas que é possível e que não pode parar. Se o apoio ainda não vem do governo, é ganhando visibilidade e reconhecimento que alguma mudança poderá começar a acontecer. Uma comparação pode ser feita com os blocos de carnaval, que hoje já compõem uma média de 500 grupos na cidade de São Paulo. A transformação não acaba aí, já que o mais importante para Leci é dar oportunidade

para todos, desde a periferia até os bairros da elite. Quando a população de origem do samba, no entanto, começa a ser dominada por uma nova classe social, um novo choque começa: o embate da apropriação cultural.

Pouco a pouco, os direitos que foram conquistados através de tanta luta estão sendo revogados e isso não garante igualdade para ninguém. “As mulheres estão perdendo seus direitos. As empregadas domésticas até conseguiram alguma coisa agora, mas e os negros? Tem que acabar com o genocídio da juventude negra. Não dá pra falar de samba sem falar de cultura negra e não dá pra falar de cultura negra sem falar do genocídio desses jovens.” Assim como Maíra da Rosa, do Samba de Dandara, Leci Brandão também retoma o fato de que o gênero do samba pertence à comunidade negra, mas a sociedade fez questão de arrancar esse título ao longo do tempo, e que a resistência tem sua importância a partir do momento que há esse reencontro da cultura com a raça.

A mídia tem uma função decisiva nas opiniões e nos ideais da sociedade. A influência é tão grande que as pessoas escolhem seus próprios canais de comunicação como ponto de partida para entender o que é bom ou ruim, certo ou errado. Para Leci, quando o Carnaval passou a ser transmitido na televisão, uma mudança poderosa estava sendo feita. Era o início de uma nova camada social sendo apresentada ao samba e tomando posse de uma cultura ainda desconhecida. Com isso, grande parte da população branca e das melhores classes sociais passaram a, mais recentemente, dominar o cenário do samba. “Acho que todo mundo pode participar da roda, pode desfilar, pode tudo. Você só não pode tirar o povo que começou essa história, fundador dessa história, sendo banido aos pouquinhos. Em um desfile de escola de samba você vai ver poucas pessoas negras. Tá diminuindo o número de negros nas escolas de samba.”, afirma Leci.

A cantora é madrinha do bloco afro Ilú Obá De Min, que no idioma iorubá significa “mãos femininas que tocam o tambor para Xangô”. O grupo é composto exclusivamente por mulheres, com a finalidade de fortalecer o

protagonismo do gênero e também da cultura afro-brasileira. A existência de um coletivo como esse, com tais imposições, contribui para mudar a realidade machista que existe em peso na sociedade apagando a presença da mulher. Para Leci, é fundamental que haja a consolidação de um grupo plenamente feminino, ainda mais como o Ilú que está sempre homenageando mulheres negras como Elza Soares e Carolina de Jesus.

Leci foi até o Samba da Elis para aumentar a resistência feminina. Em um entrave com o prefeito regional do Butantã, o coletivo mal tem forças para se posicionar a favor de seus direitos. É aí que Leci e seu gabinete lutam pela igualdade. “Eu vou chegar com muita educação que a minha mãe me deu, com muita tranquilidade, sentar com o prefeito regional do Butantã e dizer pra ele o seguinte: Essa praça é linda! Samba é a música da alegria, já dizia Martinho da Vila. A música reúne, a música salva vidas, a vida fica mais agregada.”, afirma em seu discurso.

A conversa aconteceu, de fato, mas ainda existem muitos empecilhos no caminho. O processo é demorado, dificultado pelo descaso da prefeitura regional, com muitas reuniões desmarcadas e remarcadas impedindo a comunicação. Isso prova que os coletivos de cultura sozinhos, sem apoio político, raramente conseguem chegar a algum lugar, revelando a realidade da situação. Se nem a presença da deputada Leci Brandão facilitou o diálogo, os grupos independentes sentem-se desesperançosos. “Como é que a gente vai resolver as questões se não tem ninguém pra construir leis que podem fortalecer as mulheres? Enquanto você não tiver uma bancada feminina de verdade.”, reflete a deputada. O que resta a fazer é continuar insistindo e lutando por mais direitos e igualdade.

Outro ponto defendido pela Leci para que a realidade possa enfim ter mais chances de melhora é o aumento da bancada feminina na Assembleia. Para que mais leis sejam feitas para as mulheres, é necessário que mais mulheres estejam no poder. Um argumento utilizado no âmbito político é que grande parte das eleitoras femininas estão mais interessadas em votar em

homens, enfrentando uma resistência do próprio gênero, além do recorrente machismo. Para Leci e seu gabinete, é preciso reverter esta situação o quanto antes para que exista mais apoio às mulheres, através da maior protagonização das candidatas em suas campanhas.

Uma palavra constantemente repetida nos coletivos feministas é empoderamento. Leci conta sobre o dia em que foi visitar um ponto cultural chamado Casa Das Herdeiras De Aqualtune no Capão Redondo, Zona Sul de São Paulo, e aprendeu mais sobre o significado deste termo. Em uma garagem alugada, a artista e ativista Amanda Negrasim fundou este espaço de resistência que oferece apoio para as mulheres da periferia e da favela através de dança, grafite, poesia, enfim, da arte e da cultura. Ela explica que, para iniciar o projeto sozinha, do zero, não foi necessário empoderamento, mas sim força de toda a comunidade e troca entre todas as mulheres que acreditaram no trabalho. Amanda perdeu os pais muito cedo, envolveu-se com drogas e já foi moradora de rua, mas graças à Casa Das Herdeiras pôde superar tudo isso. Ela acreditou na mudança a partir de algo maior do que ela mesma, ainda que não tivesse apoio do governo ou outra entidade.

“Na casa dela, ela dá apoio para mulheres que sofreram violência, mulheres que de repente tiveram que sair da casa dos companheiros por apanharem, por não ter casa de passagem aqui em São Paulo que possa acolher essas mulheres que são tratadas com muita brutalidade. E ela conseguiu fazer isso sem ter essa coisa do poder, ela disse: ‘Eu tenho capacidade, sou uma pessoa que acredita, sou guerreira, tenho disposição e não acho que isso é empoderamento. Isso é vida, salvar vidas, ajudar, e chamar o outro pro coletivo.’ Porque sem o coletivo você não consegue resolver as coisas e sem poder público, ninguém ajudou essa moça.”, relata a deputada.

Antes da política, Leci Brandão sempre cantou pelos mesmos ideais de hoje. Quando foi convidada a se candidatar para deputada estadual, ela pegou todos seus discos e montou sua plataforma de campanha a partir de tudo que havia cantado e composto em sua vida artística. “Eu estou deputada,

mas eu sou artista, nunca vou deixar de ser. Então tudo aquilo que eu cantei, que deu confusão, que foi censurado, é que são as pautas do meu mandato.”, comenta Leci. Por causa disso, seu gabinete é frequentado diariamente por uma enorme diversidade de minorias e populações menos favorecidas pedindo ajuda. Fazia sentido para ela, portanto, apelidar seu local de trabalho de Quilombo. “A gente recebe juventude negra, quilombola, povo indígena, travesti, transexual, estudante, cigano, mãe de santo. Aqui vem tudo porque é um gabinete que lida com seres humanos.”

Durante a construção de sua carreira, o que mais atrapalhou Leci não foi o machismo, mas sim a censura política. Engajada em movimentos sociais, a ditadura chegou a boicotar letras da compositora, impedindo que vencesse um samba na Mangueira. Quando ninguém cantava sobre minorias sociais, LGBTs, quilombolas e indígenas, nos anos 1970, Leci foi a pioneira a tratar sobre tais temas em suas músicas. Em 1971, ela foi apresentada a ala dos compositores da Mangueira por Zé Branco, o tesoureiro, com a condição de escrever sambas de terreiro durante um ano para ser aceita oficialmente. Foi o que aconteceu, e em 1972 recebeu a carteira dos compositores. Quando chegou à Mangueira pela primeira vez, ela conta que foi recebida com um pouco de espanto porque ninguém a conhecia, mas logo começou a fazer sua história. Apesar de não ter ganhado o primeiro lugar de um samba-enredo, levou 6 composições às finais. Ela ainda lembra que ajudou a arrecadar recursos para as festas, o café da manhã, a feijoada do 20 de janeiro e até para os tecidos das roupas dos compositores.

Leci diz que nunca quis receber tratamento diferenciado dentro das escolas e nos festivais por ser mulher. Sempre esteve no meio dos compositores, auxiliando onde fosse necessário, tratando todos com respeito e sendo respeitada. Ela lutava por seu reconhecimento como ser humano, como compositora e como artista que é até os dias de hoje. Apesar de dizer que não tenha sofrido preconceito por ser mulher na vida profissional, ela concorda que, quando começou sua carreira, já existia uma grande desigualdade de

eu não vim só sambar

gênero, além de ser raro encontrar outras compositoras em escolas de samba. Leci ainda menciona Gisa Nogueira e Dona Ivone Lara como notáveis autoras contemporâneas a ela, com quem teve a oportunidade de realizar o Projeto Pixinguinha nos anos 1980.

Seja na música, através de protestos sociais, ou na política, lutando diariamente pela igualdade de gênero e inclusão social, Leci Brandão continua construindo sua história a favor da sociedade. “Fiz da arte um instrumento de luta mesmo. Essa foi a minha caminhada, e continua sendo.”

Construindo nosso samba

A jornalista Mila Burns, em sua tese de mestrado em antropologia social, que acabou virando o livro “Nasci para sonhar e cantar. Dona Ivone Lara: a mulher no samba”, confirma a teoria de que, no começo de sua carreira, Ivone Lara emprestava o nome de seu primo para assinar as suas próprias composições, pois tinha certeza de que chamaria mais atenção do que seu nome: “Dona Ivone se metamorfoseia constantemente em assistente social, dona-de-casa, mãe e na personagem que mais exige seu empenho: a de artista”, diz a jornalista. Este é apenas um dos exemplos que fazem com que o cenário da música, da arte e do samba, se perpetue como característica do universo masculino.

O que hoje vemos como um apagamento social da mulher, para elas, na época, era questão de sobrevivência, afinal, quem levaria uma mulher à sério? Assim, elas tornaram-se apenas uma imagem que ilustra a música, de maneira que agrade a sociedade através de papéis impostos e estereótipos engessados que limitam sua atuação e lhe privam de exercer sua criatividade.

de artística. Não é à toa, portanto, que o tema foi e continua sendo um forte assunto para estudos e engajamento social. É o que diz a pesquisadora Kelly Adriano de Oliveira que estuda a área de gênero e samba pela Unicamp e escreveu sua tese de pós-graduação, “Deslocamentos entre o samba e a fé: um olhar para gênero, raça, cor, corpo e religiosidade na produção de diferenças”, sobre a visibilidade da mulher negra das escolas de samba de São Paulo.

A questão que foi observada pela pesquisadora é o papel das mulheres para além do que é esperado nas escolas de samba. Isto é, onde estão as mulheres em uma escola de samba, além das posições de passistas, rainhas e princesas de bateria. Nessas posições, as mulheres são enfeitadas e sexualizadas para ilustrar as composições, marchas e enredos de samba, mas o papel feminino não para aí. Com esse questionamento, Kelly pôde observar e afirmar que as escolas de samba dependem de mulheres que ocupam cargos administrativos e que operam seus papéis juntamente com homens, para manter a escola funcionando o ano inteiro, antes e depois do carnaval. “Eu migrei da pesquisa da história do samba, que foi meu campo de estudo no mestrado, para a história da representação feminina. Levantando esse histórico, foi possível perceber que o papel da mulher foi fundamental para a manutenção e permanência de várias questões das presenças das populações negras no país. No caso do samba, especificamente, eu costumo até dizer que se não fossem as mulheres, nós não teríamos hoje o samba e as escolas de samba”, afirma a doutora.

Jurema Werneck, médica, diretora da Anistia Internacional, pesquisadora e militante negra, fez sua tese de doutorado, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, também sobre a participação das mulheres no samba, o que resultou no trabalho “O samba segundo as lalodês: mulheres negras e cultura midiática”. Durante sua pesquisa, Jurema selecionou três sambistas, são elas Leci Brandão, Jovelina Pérola Negra e Alcione, por serem contemporâneas entre si, e teve a oportunidade de apresentar parte do trabalho final em alguns congressos.

eu não vim só sambar

Jurema relata que foi só durante esses congressos que pode perceber o poder que tinham as letras das composições que havia selecionado para suas apresentações: “Eu nunca fui fã de Alcione, por exemplo, então eu nunca tinha reparado na quantidade de recados que Alcione colocava nas letras de suas músicas pras mulheres negras. Quando eu colocava as canções dela pra tocar, acontecia um fenômeno dentro dos auditórios. Todo mundo movimentava o corpo, gesticulava diferente, mudava o semblante, de tanto que Alcione tinha pra falar.” Tem um samba, escrito por Alcione, chamado “Pode Esperar”, de 1978, em que a sambista diz:

*“Nada como um dia atrás do outro
Tenho essa virtude de esperar
Eu sou maneira, sou de trato, sou faceira
Mas sou flor que não se cheira
É melhor de prevenir, pra não cair
Sou mulher que encara um desacato
Se eu não devolver no ato
Amanhã, pode esperar
Estrutura tem meu coração
Pra suportar essa implosão
Que abalou meu alicerces de mulher.
Mas a minha construção é forte
Sou Madeira, sou de morte
Faça o vento que fizer.”*

“Ela não foi destruída completamente. Ela cai, mas amanhã, ‘pode esperar’. Tem uma camada de discurso ali que é a que eu gosto mais, que diz pras mulheres negras, ou pras mulheres todas, que toda essa força de subordinação que quase destrói uma mulher não a destrói completamente. Quando ela diz ‘A minha construção é forte/ Sou madeira, sou de morte/ Faça o vento

que fizer' ela está falando sobre uma força de mulher", completa Jurema.

Essas artistas com quem Jurema trabalhou, ao lançarem canções com esses temas, como "Zé do Carço", de Leci, ou "No Mesmo Manto", de Jovelina, nada mais fazem do que legitimar uma cultura marginalizada, ainda que tenham que lutar para que seus trabalhos artísticos sejam reconhecidos muito mais do que outras artistas brancas. Quando uma cantora negra aparece na mídia com a visibilidade e público que Jovelina Pérola Negra tinha, falando sobre as religiões de matrizes africanas, ela trabalha com afirmação dela mesma e do que ela representa para a cultura negra.

Mais do que familiarizada com o tema, não apenas por conta de sua pesquisa, mas pela própria vivência ligada ao cenário cultural do samba desde cedo, corrobora com a ideia de que com o passar dos anos, sobretudo a figura da mulher negra da música, foi sendo destituída de sua posição original e passou a ser vista como elemento secundário dentro desse campo. "A indústria cultural foi construída no Brasil, quando ela começa, no início do século XX, em torno da cultura negra. [...] A produção dessa indústria e da narrativa do 'samba moderno' é toda feita deslocando as mulheres. A indústria, de fato, inferioriza a mulher. É o poder do homem e, nesse caso, os homens que estão no samba, de certa forma, eles negociam esse papel, eles aceitam o deslocamento e uma certa inferiorização das mulheres", explica.

Em 2017, a Rede Globo modificou sua tradicional chamada de carnaval exibida anualmente a mais de 20 anos nos intervalos de sua programação, a Globeleza, para mostrar que, afinal, os tempos mudaram e a mulher não precisa estar praticamente nua para mostrar o samba que tem no pé. O conceito da vinheta foi idealizado pelo designer gráfico alemão Hans Donner, há muitos anos à frente das inovações do canal. A mudança foi considerada um posicionamento estratégico por parte da emissora, que selecionou diversos ritmos brasileiros para ilustrar a maior festa popular brasileira.

Um ano antes, em 2016, as ativistas negras Stephanie Ribeiro e Djamilá Ribeiro publicaram no blog Agora É Que São Elas um manifesto à Mula-

ta Globeleza. O texto fazia uma crítica à Rede Globo por remeter durante 27 anos a imagem da mulher negra à escravidão, seja no uso do termo pejorativo “mulata” ou pela seleção de seus corpos sexualizados, estereotipando-as e naturalizando a cultura do estupro presente desde o período colonial. Para as ativistas, o problema não estava somente na exposição, mas também no confinamento das mulheres negras a lugares que não pertenciam. Enquanto a maior emissora do país estiver com o pensamento atrasado, significa que as ideias ainda demoram para melhorar.

Apesar da linha adotada pela nova vinheta mostrar que, ainda que sutilmente, a mentalidade está deixando esses estereótipos pejorativos de lado, por trás das câmeras e estúdios de música, os acordos são outros. Espera-se que a mulher por si só seja uma forma de entretenimento que vai além da música, senão não há apelo para seu talento. Laurinha e Lara passaram por isso algumas vezes ao longo da carreira, mesmo amadora, e quase consideraram a ideia de se entregar para as imposições da indústria.

As mulheres do Samba de Dandara lutam para conseguir um contrato que não as tornem apenas produto musical, que não as monetize pela imagem, ainda que a imagem vendida seja a da própria militância. Na verdade, muitas artistas no começo da carreira enfrentam esse dilema e precisam decidir entre abrir mão de sua individualidade em troca do sucesso ou a incerteza de ver seu trabalho murchar antes mesmo de florescer. Quantas mulheres já não se submeteram a certos tipos de constrangimentos para conquistar direitos, muitas vezes vistos como privilégios? Na cena musical, o machismo se mostra presente, tal qual um espelho da sociedade.

Seja no meio do samba, do pop, do rock, alguns mais do que outros, a mulher é vista como algo à parte. “Artistas mulheres” ou “vocal feminino” costumam ser vistos como gêneros diferenciados na produção musical em premiações e dificilmente são colocados lado a lado com trabalhos de homens. No samba em geral, a mulher é tema de composição, musa inspiradora. Quando olhamos mais a fundo para a história do samba, torna-se evidente que a

presença da mulher nesse estilo musical não se dá apenas pelo seu “gingado”, mas também na elaboração das composições e na arte de fazer música para permitir um espaço que permita que ela aconteça, seja produzida e compartilhada, independente de sua origem.

Historicamente, o samba deu luz a inúmeras mulheres que se tornariam referência em todo o país, a partir de seus costumes e trajetórias que atravessaram décadas até a consolidação do estilo. Chiquinha Gonzaga, Tia Ciata, Madrinha Eunice e Clementina de Jesus, por exemplo, são algumas das personalidades que ajudaram a fundamentar e fortalecer o gênero como se conhece hoje e abriram o caminho para que grandes mulheres, como Dona Ivone Lara, Leci Brandão e Elza Soares tivessem seu lugar ao sol.

Na opinião de Kelly Adriano, o samba não existiria se não fosse por essas mulheres que, além de compor, trabalhavam na manutenção do ambiente do samba para que as rodas e os cordões não se extinguíssem, ou seja, abriam suas casas, preparavam a comida do dia todo, reuniam os bairros e as comunidades para formarem-se as rodas. Para a pesquisadora, “principalmente no período pós abolicionista, elas que garantiram de alguma forma essa permanência e sobrevivência dessas tradições, a partir da questão da religiosidade, das mães de santo, seja na umbanda ou no candomblé, seja mesmo no catolicismo popular, esses terreiros dessas mulheres foram o lugar principal de manutenção para que essas tradições populares sobrevivessem.” Entretanto, através do tempo, elas foram sendo esquecidas, deixadas de lado e apagadas em detrimento de personagens masculinas que lhes tiraram o brilho e as relegaram ao esquecimento.

Jurema, a partir de sua observação pontua que essa exclusão e distorção da persona feminina dentro da cultura acontece de forma sistemática, pensada de modo a restringir a ação de mulheres, principalmente as negras, nesse espaço, um mecanismo que é criado e alimentado pela lógica de mercado que acabou por se tornar o imperativo nesse nicho – a cultura, a medida que se transforma em produto para lucrar, passa a acentuar e cultivar as desi-

gualdades sociais porque é assim que seus agentes terão lucro.

“Uma das condições da indústria, não só em relação à mulher negra, é que a indústria esmaga as mulheres. Nesse caso, as mulheres negras sofrem bastante, mas elas não desapareceram. Elas foram muito deslocadas, mas não sumiram. Inventaram agora essa coisa de Rainha de Bateria, isso não existia em escola de samba. Inventaram essa figura para as mulheres brancas terem lugar. Vão criando deslocamentos à medida que o produto fica cada vez mais fácil de ser vendido e cada vez mais lucrativo. Se deslocou a mulher negra para outras posições, se colocou a branca, nessas condições: pelada, magra, pintada. A indústria é mesmo uma máquina de moer gente”, descreve a militante.

Outro fato importante é que Kelly, a partir de seus estudos, conseguiu esboçar aproximadamente o momento em que as mulheres passaram a fazer parte de um segundo plano e não mais de dirigência da cultura do samba. Analisando o contexto histórico e cultural do ritmo, bem como suas origens e os caminhos que tomou ao longo do tempo, ela observa como a diminuição da presença feminina e negra no samba está diretamente relacionada à migração do espaço privado para o espaço público: “Enquanto o samba estava na esfera do privado, das famílias, das comunidades do período pós-abolicionista, dentro de casa, as mulheres tinham um papel mais relevante. Quando o samba foi para o espaço público, para a rua, em forma de cordões, de blocos e, posteriormente, com as origens da escola de samba, esse espaço da rua, devido a todo machismo da sociedade, acabou colocando as mulheres num papel secundário, de dançarinas ou, no máximo, intérpretes das composições”, confirma Kelly.

Com isso, percebemos que a mídia tem uma função definitiva e perigosa em relação ao protagonismo dos homens e apagamento das mulheres. O ambiente machista revela somente o que querem que seja visto. A presença feminina, que antes era natural, e inclusive formadora do samba, foi gradativamente reduzida à objetificação de seus corpos nas escolas de samba, além

da perda de identidade na composição de músicas. Com isso, o machismo tomou o espaço das mulheres que pertenciam ao samba, e apagou da história aquelas que deixaram sua marca. Não eram raros os casos de sambistas assinarem suas composições com nomes masculinos para conseguirem vender seu trabalho.

Esse apagamento fez com que não fosse possível saber de fato, com todos os detalhes, a história completa sobre as mulheres do samba, uma vez que tornou-se inviável localizar as verdadeiras autorias. Kelly Adriano lembra que além da marca machista, nesta situação também dominava o racismo, já que artistas negros eram obrigados a passar sua assinatura para os brancos, sendo a única possibilidade para os artistas sobreviverem neste meio. “Isso atrapalha ainda mais uma construção histórica dessa presença. O que a gente consegue é, por muitos relatos de história oral e muitas entrevistas, alguns depoimentos que acabam trazendo essas figuras apagadas para conhecimento público, dando visibilidade tardia, servindo até como denúncia a um racismo, um preconceito, um machismo, pra que isso não se repita na nossa história presentes e futuras.”, analisa Kelly.

Atualmente, apesar do forte preconceito em relação à participação da mulher nos espaços públicos, a pesquisadora reforça que elas ainda possuem papéis importantes no samba. Seja como porta-bandeira ou dirigente, nas escolas de samba, por exemplo, a mulher tem um espaço de atuação. Ocorre, na realidade, não a total exclusão, mas sim seu silenciamento. Elas estão lá, apenas dificilmente serão reconhecidas e terão suas vozes ouvidas nos momentos de decisão. “Nas escolas de samba de São Paulo, existem duas mulheres que são presidentes de escola de samba, que aliás não são mulheres negras, da Mocidade Alegre e da Rosas de Ouro, escolas fundadas já nos anos 70. Mas não é tão comum compositoras, isso é raro.”, conclui.

Nomes de muitas mulheres importantes para a formação do samba foram omitidos pelo machismo que circula nesse meio. Ainda assim, algumas resistiram, mesmo que tenha sido com reconhecimento tardio, e são elas que

continuam fazendo escola até hoje. “A gente tem por exemplo a figura da Madrinha Eunice, que fundou o que foi considerada a primeira escola de samba, a Lavapés, e o nome dela praticamente não aparece nessa historiografia do samba na cidade de São Paulo. Se pegar as mulheres compositoras dentro do samba, você vai achar só a Dona Ivone Lara, nos anos 1960, como primeira mulher a integrar a ala de compositores. Posteriormente, a Leci Brandão.”, comenta Kelly Adriano.

O resgate desta memória é importante para a visibilidade das sambistas, além de colaborar para a veracidade da história do samba. “Tem um desprestígio, mas, de certa forma, não é uma derrota, não é um deslocamento total, não é um silenciamento. Há outras formas que as mulheres continuam participando e influenciando, desde a margem [até o centro]”, comenta Jurema Werneck.

Hoje todos conhecemos mulheres como Beth Carvalho, a “madrinha do pagode” que divulgou o grupo Fundo de Quintal e trouxe à tona as rodas de samba; Alcione, que “ressuscitou” o samba e o levou de volta às suas raízes; Clara Nunes, primeira mulher a vender mais de 400 mil cópias; Clementina de Jesus e Jovelina Pérola Negra, tidas como realezas do samba, seja pela luta em suas vidas pessoais como pelo talento; Dona Ivone Lara, uma das maiores compositoras (até mesmo entre os compositores homens) do país; Elza Soares e Leci Brandão, que desabafam, levantam a questão do racismo e do machismo e traçam seu legado até hoje. Suas vozes ecoam, em todos os sentidos.

Essas mulheres lutaram contra os estereótipos que as rodeiam e acabaram consolidando seus nomes como grandes referências quando o assunto é samba. Não se fala de samba sem que haja conexão direta com qualquer uma delas e é impossível falar de qualquer uma delas sem evidenciar a grande colaboração de cada uma para uma construção da cultura brasileira através da música. A escola se fez pela tradição e manutenção da cultura do samba em estados como Rio de Janeiro e São Paulo, mas também pela forma como influencia os ritmos do samba que estão nascendo agora em qualquer cidade

Construindo nosso samba

do país. Jurema reitera a opinião de que, apesar das circunstâncias, há luta. “As mulheres estão fazendo esse artesanato, têm seu público, têm sua roda”, diz.

eu não vim só sambar

Agradecimentos

Esse projeto não teria sido possível sem a ajuda de nossa professora orientadora Sandra Lucia Goulart e de todas as personagens que entrevistamos ao longo deste ano, que nos concederam tempo, energia, sabedoria e histórias incríveis. Aprendemos muito e esperamos ter transmitido essas experiências no decorrer deste livro.

Gostaríamos de agradecer também à banca examinadora, composta pela professora Juliana Serzedello, que foi uma figura muito importante para nós durante a graduação, inclusive na importância de procuramos dar à pesquisa, à apuração minuciosa e a reportagem aprofundada, e à Paola Prandini, fundadora da consultoria Afroeducação.

A todas, muito obrigada!

As cores do samba

Samba de Dandara e Fabiana Cozza

Casa da Luz

Foto que inspirou a ilustração de capa









Roberta Oliveira e O Bando de Lá Casa Barbosa









Quintal de Iaiá e Samba de Elis

Centro Cultural Butantã









Samba das Meninas

Praça Elis Regina









Samba da Elis e Leci Brandão

Praça Elis Regina









Mestra Sivuca e o bloco

Me Lembra Que Eu Vou

Centro Cultural Rio Verde









Aniversário da Rosas de Ouro

Quadra da Rosas de Ouro





Solange Cruz, presidente da Mocidade Alegre

Reprodução/Facebook





eu não vim só sambar

Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo
Faculdade Cásper Líbero 2017

Livro-reportagem

Eu não vim só sambar: Um retrato do cenário das mulheres no samba
em São Paulo

Alunas

Fernanda Grillo Peixoto Russo

Júlia Reis Favero

Marina da Rocha Felix

Veronica Saliba Maluf

Diretor

Prof. Dr. Carlos Roberto da Costa

Coordenadora do curso

Profa. Dra. Helena Maria Afonso Jacob

Orientadora

Profa. Dra. Sandra Lucia Goulart

Convidadas da banca

Paola Diniz Prandini

Prof. Me. Juliana Serzedello Crespim Lopes

Ilustração da capa

Cynthia Nunes

Projeto gráfico

Marina da Rocha Felix

Veronica Saliba Maluf

